

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM MONTENEGRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA: LICENCIATURA

DANIEL VARALLO

FRESTA:

Um espaço de experimentação em dança como insurgência para novas
possibilidades de existir de corpos esgotados

MONTENEGRO

2023

DANIEL VARALLO

FRESTA:

Um espaço de experimentação em dança como insurgência para novas possibilidades de existir de corpos esgotados

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador (a): Prof.^a Dr^a Aline Da Silva Pinto

MONTENEGRO

2023

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

V288f Varallo, Daniel

Fresta: um espaço de experimentação em dança como insurgência para novas possibilidades de existir de corpos esgotados / Daniel Varallo. – Montenegro: Uergs, 2023.

63 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Dança, Unidade em Montenegro, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dra. Aline da Silva Pinto

1. Corpo. 2. Videodança. 3. Processo Coletivo. 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. Pinto, Aline da Silva. II. Curso de Licenciatura em Dança, Unidade em Montenegro, 2023. III. Título.

DANIEL VARALLO

FRESTA:

Um espaço de experimentação em dança como insurgência para novas possibilidades de existir de corpos esgotados

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Aline Da Silva Pinto

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Aline Da Silva Pinto
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof.^a Dr.^a Kátia Salib Deffaci
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof.^a Esp. Rita Paula da Silva Bruço
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

“[...] , mas não é esse o segredo da vida? Uma vez que você morreu para o seu antigo “eu”, então pode renascer no “eu” que você deveria ser.”

(RuPaul)

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que fizeram parte desta importante fase da minha vida. Se eu fosse citá-las todas, certamente acabaria esquecendo alguém (alerta clichê). No entanto, gostaria de mencionar algumas delas que tiveram participações fundamentais:

À professora Aline Pinto por ter sido uma grande orientadora em minha jornada. Mais do que isso, foi amor, atenção e escuta. Com ela, compartilho o amor pela dança.

Aos professores Kátia Salib, Silvia Lopes e Giuliano Andreoli pelas valiosas contribuições que me guiaram ao longo desses anos. Muito obrigado pelo acolhimento e respeito dedicados a mim e ao meu trabalho.

Ao meu ex-namorado e amigo, Rafael Teixeira, expressei minha gratidão por ser um grande e fundamental incentivador na minha jornada no universo da arte e na minha entrada na universidade de dança. Você nunca me deixou desistir, mesmo nas vezes em que eu ligava chorando por não ter mais ônibus na rodoviária.

À minha empresa, DB, que me permitiu inúmeras ausências e me manteve seguro e tranquilo para realizar esse sonho. E como uma empresa é constituída por pessoas, também gostaria de agradecer a todas as minhas gestoras e colegas que tiveram a sensibilidade de compreender o meu percurso.

À Fernanda Borges e Guilherme Barcellos, meus fiéis escudeiros, grandes amigos e colegas de trabalho, gostaria de expressar minha eterna gratidão. Vocês sempre me apoiaram e deram cobertura quando eu precisei, além de me ouvirem pacientemente enquanto eu reclamava ao longo de todos esses anos em que cogitei trancar a faculdade.

Gostaria de expressar um agradecimento imenso ao elenco maravilhoso com quem tive a oportunidade de trabalhar: Aline de Campos, Ariele Simon, Bruna de Souza, Isabel Deon, Vinicius Lima, Viviane Pasin, assim como Ariane Fernandes e Wal Pedruzzi, que também participaram do processo. São grandes amigos e dançarinos excepcionais, que dedicaram seu tempo, sensibilidade, paciência e capacidade de escuta para construir esse trabalho incrível. Também gostaria de agradecer à equipe de produção que esteve à nossa disposição.

Aos meus pais, mesmo que até hoje não compreendam completamente o que faço da minha vida, gostaria de expressar minha profunda gratidão. Eles fizeram tudo ao seu alcance para que eu pudesse dedicar-me aos meus sonhos.

A TODOS os meus amigos. No entanto, gostaria de fazer um agradecimento especial às minhas grandes amigas Luciana Tondo e Francielle Daltrozo pelo apoio incondicional em todos os aspectos da minha vida. Também sou grato aos meus colegas da Famecos que permaneceram ao meu lado, mesmo quando nossos caminhos se separaram. A Taila Becker, por ser luz, organização e oferecer apoio em minha escrita e na vida. À Nichelly Nascimento, que mesmo à distância, esteve presente como ouvinte e tradutora. Não posso esquecer do pessoal do grupo da fofoca do trabalho e a todos que apoiaram emocionalmente e financeiramente este trabalho.

Gostaria de fazer um agradecimento especial aos meus colegas da turma de 2017, Aline Kauana, Braçi Fernandes, Liziane Salvadori, Pedro Herêncio e Elena Bertoldo. Vocês foram uma fonte de inspiração e fundamentais para que eu continuasse. Agradeço também à Carol Fossá e a Jenni Mór, que compartilharam comigo as angústias e as conquistas do TCC.

E a Uergs, essa universidade pública e de qualidade, que me acolheu de braços abertos. Foi por meio dessa instituição que pude adquirir conhecimentos valiosos ao longo desses anos. Quero deixar registrado aqui o meu compromisso em retribuir de maneira significativa para o desenvolvimento do nosso Estado e nosso País.

RESUMO

A sensação é de que estamos vivendo em uma espécie de estado intermediário entre a vida e a morte, estamos esgotados em vários aspectos, preenchendo nossos dias com escapismos nos catálogos das plataformas online de *streaming*, nos alimentando de conteúdo das redes sociais, consumindo vídeos de 1 minuto e salvando receitas culinárias que nunca iremos fazer. Todos estão tão esgotados que mal conseguem refletir sobre isso. Estamos paralisados, apenas sobrevivendo e aguardando o próximo dia. Nossa existência se tornou uma espera interminável. De acordo com Pelbart (2017), tudo isso parece desprovido de significado, destituído de sensibilidade, nossas ações são guiadas por hábitos e reflexos. Existe alguma maneira de escapar desse cenário? Há uma alternativa? Existe uma busca por algo que possa nos trazer de volta a sensação de estar verdadeiramente vivo. Este estudo propõe-se a abrir uma fresta na rotina diária de um grupo de pessoas que se dispuseram, no meio de tantas obrigações, a experimentarem uma prática em dança e, assim, confrontarem-se consigo mesmas, refletirem sobre suas vidas e enxergarem novas possibilidades.

Palavras-chave: Corpo; Videodança; Corpos Comuns; Corpos Diversos; Processo Coletivo

ABSTRACT

The feeling is that we are living in a state of mind that is between life and death. Exhausted in so many aspects we look for ways of escaping reality with the vast options of streaming services. Feeding ourselves with social media. Watching one minute videos and saving food recipes we will never really cook. Everyone is so drained to even reflect about it. Paralyzed in existence we solely surviving and waiting for the next day to come. Our existence became an endless waiting game. According to Pelbart (2017) all of it seems to be lacking significancy and sensitivity where our actions are guided by habits and reflexes. Is there a way out? Any alternatives? There is a search for something that can bring back the feeling of being truly alive. This research offers a chance to open a little time frame in a group of people's routine whom lives are filled with obligations to experiment a dance practice that will allow them to go within and reflect about their lives and try to find new possibilities.

Keywords: Body; Dancevideo; Common Bodies; Diverse Bodies; Collective Process

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dançando no Escuro	21
Figura 2 – Esgotados do Cotidiano I	21
Figura 3 – Ligne de Crête	23
Figura 4 – ANIMA.....	25
Figura 5 – Esgotados do Cotidiano II	27
Figura 6 – Registro de Processo I	28
Figura 7 – Respiros do Elenco I	29
Figura 8 – Respiros do Elenco II.....	32
Figura 9 – Respiros do Elenco III	35
Figura 10 – Respiros do Elenco IV	35
Figura 11 – Respiros do Elenco V	36
Figura 12 – Registro de Processo II.....	41
Figura 13 – Respiros do Elenco VI.....	42
Figura 14 – Registro de Processo III.....	43
Figura 15 – Esgotados do Cotidiano III	46
Figura 16 – Respiros do Elenco VII	47
Figura 17 – Registro de Processo IV	48
Figura 18 – Hoppla!	50
Figura 19 – Respiros do Elenco VIII	52
Figura 20 – Castelo.....	53

SOBRE A LEITURA

A maioria de nós está com tanta pressa que mal temos tempo para pensar. Durante o dia, comemos, bebemos, fazemos compras, dormimos e escovamos os dentes. No dia seguinte, enquanto realizamos nossas tarefas diárias em estado de letargia, uma reflexão clara sobre como vivemos e como queremos viver nos domina, e com um pouco de tristeza, descobrimos o quão distantes essas duas formas de vida estão uma da outra.

Durante o processo de escrita, é inevitável ser atravessado por essas reflexões, não apenas as minhas, mas as de inúmeras pessoas. Diante da grande dificuldade em encontrar uma melhor forma de organizá-las, recorri a uma das grandes mestras da minha vida, Luciana Brito. Em seu trabalho "Beckett-We: em busca de uma poética do vazio" de 2016, ela propôs uma poética de múltiplas vozes, dando espaço para a expressão não apenas de seu grande mentor, Samuel Beckett, mas também de seus próprios pensamentos e verborragias que surgiram durante o processo de escrita, além das vozes daqueles que foram objeto de sua pesquisa.

Foram incluídos nos registros as vozes autênticas dos participantes da pesquisa, pois não posso ignorar ou silenciar as narrativas poderosas que seus corpos têm a compartilhar. E, por fim, transmito o que ecoava em minha mente imersa no processo criativo.

Ao longo da leitura, é provável que você se encontre e se identifique com falas que podem parecer suas, e talvez sejam. Esta pesquisa foi realizada com pessoas como você, vivendo sob uma forma de vida imposta, e a busca para escapar disso ou lidar com ela, por vezes, nos aprisiona. A seguir, fiz algumas orientações em relação à leitura:

- Fluxos de pensamento: ideias, sensações, inseguranças e indignações que me atravessaram durante o processo de pesquisa também irão compor essa poética. Serão identificados através da formatação em letra minúscula, fonte Arial, tamanho 10, margem 6 cm a 16,5 cm, alinhada à direita e colchetes.
- Participantes da pesquisa: desabafos, inquietudes e palavras despreziosas feitos dentro e fora da sala de ensaio por aqueles que participaram do processo. Aqui serão identificados conforme normas da ABNT dada a importância que esses relatos possuem para o trabalho. Nomes fictícios dos corpos

participantes, sinônimos de esgotamento, serão dadas as pessoas junto a data do relato.

Corpo Abatido	Corpo Consumido
Corpo Acabado	Corpo Exausto
Corpo Aplastado	Corpo Esfaldado

- Capturas de desabafos dos corpos esgotados: imagens coletadas das redes sociais durante o processo de escrita de pessoas diversas trazendo questionamentos sobre a sua existência dentro do nosso modo de vida. Aqui colocarei na íntegra seguindo os padrões de ABNT para imagens.
- Autores: citações de autores que me acompanham durante a elaboração deste trabalho. Identifica-se conforme regras ABNT.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	METODOLOGIA	16
3	DO QUE É QUE ESTAMOS ESGOTADOS?	20
3.1	O ESGOTADO.....	23
4	OS DANÇARINOS ESGOTADOS.....	26
4.1	PRIMEIRAS PERCEPÇÕES.....	26
4.2	INICIANDO A EXPERIENCIAÇÃO	30
4.3	ENCONTRANDO FRESTAS.....	33
4.4	ENCONTRANDO POSSIBILIDADES	37
4.4.1	AS POSSIBILIDADES COM A CÂMERA.....	40
4.5	FORA DOS CAPÍTULOS.....	44
5	A CONCEPÇÃO DO VÍDEO	49
5.1	O ESTÍMULO.....	51
5.2	ELEMENTOS DA CRIAÇÃO.....	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual já se esgotou em diversos aspectos em razão da nossa forma de vida, não sabemos ao certo quem definiu essa configuração que é imposta a todos, mas estamos todos cansados. Sentimos uma sensação de exigência, coação e cobrança para otimizarmos e nos aperfeiçoarmos constantemente, o que acaba funcionando como um mecanismo que retira a vitalidade e monitora a vida.

Estamos num ponto de cansaço onde não conseguimos mais experimentar e mesmo que estivéssemos bem, nos tornamos desconfiados para tentar e até mesmo cansados para pensar sobre. Vivemos em uma época em que as palavras-chave são "projeto", "motivação", "iniciativa", "eficiência" e "flexibilidade". Não é surpreendente que as pessoas se sintam presas, incapazes de dizer "não" aos estímulos agressivos. Isso pode ser uma evidência do excesso de positividade que permeia nossa vida e que está nos prejudicando.

O meio de trabalho já está sendo culpabilizado legalmente pelo esgotamento das pessoas, doenças como *burnout* se tornaram ocupacionais, ou seja, a responsabilidade delas agora também é das organizações, pessoas gestoras e toda a estrutura que forma o mercado de trabalho. Então conforme vemos um crescente aumento de eufemismos, palavras felizes em *business english* que o meio empresarial, principalmente, gosta e utiliza muito para atenuar o dia a dia de trabalho, vemos também um crescente número de pessoas esgotadas e tendo que lidar com problemas relacionados a saúde mental.

Podemos olhar para estas questões e entendê-las. E um processo em arte pode oferecer um espaço, um meio de dividir experiências e compartilhar sentimentos, nos fazendo ressignificar e reciclar pensamentos e olhares que seriam descartados no nosso dia a dia levando embora o que ainda temos de humanidade. A dança, aqui, tem um papel central, abrindo frestas na vida dos participantes do processo para que assim enxerguem novas possibilidades de existência.

Sempre tive a convicção de que essa pesquisa estaria no entre, numa fenda ou suspensão, o mesmo que senti durante a graduação: entre o meio do *business* convencional e a dança, e uma questão nasceria e seria respondida a partir da troca com grupo durante o processo.

Compreendo os corpos participantes deste estudo como seres que vivem em sociedade com suas vidas atarefadas e com pouco tempo de dedicação para a arte.

E o que isso tem a ver? Tem a ver com o comportamento deles e sua forma de enxergar o mundo, o processo e até mesmo a dança. A maior parte desses corpos não possui um conhecimento atrelado a uma estética de dança, mas possuem padrões de movimento como qualquer outro ser humano com grande potencial a ser explorado, mas sem um espaço para questionar ou refletir sobre isto. Desse modo questiono e se fosse possível ampliar, expandir sua criatividade e influenciar suas vidas para que reflitam sobre e pensem em como viver com o esgotamento, instigados a pensar em outras formas de viver. Quais opções temos após esgotarmos as possibilidades?

A partir dessas reflexões, chego na seguinte questão: "Como um processo de criação em dança pode contribuir para que corpos esgotados vislumbrem novas possibilidades?" Possuo como objetivo proporcionar um espaço de experimentação em dança como insurgência para novas possibilidades de existir de corpos esgotados. Buscarei partir de movimentos comuns para este grupo transformando-os em expressões dançantes que despertem sensibilidade artística e capacidade reflexiva. Dessa forma, cada participante contribui de maneira crítica e criativa para o processo.

Diante deste objetivo e considerando o contexto acredito que trazer temáticas que nos façam refletir sobre nossa sociedade nunca deixam de ser relevantes. A ideia não é encontrar uma solução única, mas, acima de tudo, pensar outras possibilidades, reconfigurar a experiência, propiciando modos menos rígidos, normatizados e capitalizados de perceber as coisas e agir no mundo.

Contribuindo para esta discussão retomo uma memória, durante um dos meus mais difíceis projetos na universidade de dança, eu tropecei no artigo "O corpo que não aguenta mais" do filósofo David Lapoujade de 2002 que traz à tona a potência dos corpos cansados. Na época eu estava em processo criativo inspirado no corpo doente do meu pai que veio a morrer nesse período. Lembro de perceber que mesmo com o corpo intoxicado por causa da morte dos rins, ele ainda delirava fazendo gestos de uma vida que já havia tido, era um corpo que resistia, de longe não era fraco, assim como os corpos que Lapoujade se referia.

Essa leitura objetivou em mim inúmeros questionamentos, dentre os quais os mais pungentes podem ser: será que estamos vivendo da forma que gostaríamos ou apenas existindo e sonhando com uma vida que gostaríamos? Será que mesmo com toda a saúde que tenho hoje, não estou apenas reproduzindo movimentos oriundos de uma inércia de uma vida que eu já tive, assim como meu pai? Esses sentimentos,

a potência que um corpo que esgotou todas as possibilidades físicas e mentais é o que me aproximou da arte. Mais especificamente o universo Beckettiano, de corpos mutilados e impedidos de realizar ações, com inquietudes humanas, mas que ainda resistem.

Nesse contexto, Lapoujade (2002) diz que há anos as artes cênicas trazem corpos exaustos e que rastejam em cena. Para esse trabalho, construí um espaço de experimentação para que esses corpos esgotados de espírito, letárgicos, por vezes paralisados e visivelmente cansados pudessem dançar. Afinal, o contexto em que vivemos está impregnado em quem somos. E se pensar no esgotamento, nos fazer refletir sobre o poder e a vida, numa relação entrelaçada onde codependem um do outro, também refletimos sobre a dança que se relaciona com seu contexto, ou seja, o corpo tem a capacidade de expressar e comunicar seus modos de interação com o contexto em que está inserido por meio da ação de dançar. Sendo assim, será que a dança pode servir como uma forma de forjar uma nova maneira de viver e pensar?

Para me acompanhar nessa pesquisa busquei uma referência em dança que me trouxesse esse universo Beckettiano, foi quando conheci e me apaixonei pela Maguy Marin. Ela apresenta bailarinos com corpos e habilidades diversas, com diferentes formas, tamanhos e idades. Beckett esgotava a escrita sobre o corpo dos personagens e isso me interessa como coreógrafo e bailarino e era deste mesmo ponto que Maguy Marin partia.

Em síntese, no primeiro capítulo é apresentada uma breve descrição do contexto dessa pesquisa, reconhecimento dos termos e um panorama da sociedade. O segundo capítulo será sobre a dramaturgia, mais especificamente aborda o processo criativo em si e suas referências. E, por fim, o terceiro falará sobre a concepção de uma videodança resultado do processo criativo.

2 METODOLOGIA

Essa foi uma pesquisa fundamentada pela prática, todos processos metodológicos estão pautados na metodologia da prática como pesquisa que coloca a prática como principal percurso a ser seguido (FERNANDES, 2015), em dança, neste caso, utilizando os mecanismos da criação artística na pesquisa acadêmica e toda a produção de saberes vieram do processo. Dentro disso, dialoguei com as ferramentas desta prática como as observações registradas no meu caderno de artista e rodas de conversa que falarei um pouco mais a seguir. Durante o processo de criação destaco também o trabalho de tarefas (HALPRIN, 1995) que foi importante para o trabalho de criação coletiva. Ao longo da leitura sobre podem aparecer vestígios de outros instrumentos que foram utilizadas em algum momento, mas as citadas acima deram conta da maior parte do trabalho.

Durante o processo em diversos momentos tivemos que acessar vivências muito íntimas de cada pessoa e precisávamos ao final de cada encontro, fechá-las. Em razão disso, as rodas de conversa foram fundamentais para o bom andamento e o processo de cada pessoa participante. Além de ser importante para a coleta de informações, pois esta ferramenta conforme Warschauer (2017) enfatiza a possibilidade de expressar projetos individuais dos participantes; permite que eles se construam como sujeitos enquanto constroem um conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmos. O mesmo autor ainda avalia a possibilidade de a roda de conversa servir como ferramenta formativa. E para além de ser um recurso para a construção de um espaço dialógico, acredito também no fortalecimento e empoderamento do grupo conforme Ghon (2004).

E foi fundamental registrar ideias, sentimentos e reações de cada encontro, trocas comigo mesmo e com o grupo. Com isso, foi importante ter um caderno de artista que é muito comum neste tipo processo e funciona mais como um espaço para esboços e rabiscos. É um caderno para anotar ideias, traçar desenhos, colar imagens de referências, um espaço de criação conforme Suzuki (2014, p.23) “[...] um suporte que materializa o processo criador, o conhecimento acumulado do sujeito no caminho da construção de uma obra ou o guardador de suas experimentações, suas reflexões, até mesmo o despertar de sua poética”.

Minha questão aqui é que ainda estava em busca do problema de pesquisa mais refinado, em contrapartida pesquisas desenvolvidas por meio da PaR não

necessariamente nascem de um problema. Segundo Yvon Bonenfant (2012, p. 22), o pesquisador está disposto a “explorar o que emerge”. Já Fernandes (2012) pontua que a prática é em si mesma um método de pesquisa, não é algo somado à pesquisa, algo a ser analisado ou o lugar da aplicação: é “[...] uma forma de pesquisa acadêmica em que se busca descobrir e estabelecer novos conhecimentos através da prática, com resultados, muitas vezes, em formas simultaneamente práticas e teóricas” (FERNANDES, 2015, p. 26). Em outras palavras, as abordagens exploratórias práticas determinam as direções da pesquisa, inclusive as decisões relacionadas à coleta de dados (FERNANDES, 2015). E esse era meu desejo de propor ao longo dos meses de processo com esse grupo de intérpretes formado por amigos, colegas de trabalho e da arte, pessoas com alguma experiência em artes cênicas, mas sem contato com uma estética específica de dança.

Por ser um grupo majoritariamente de pessoas sem relação com a dança, precisava de uma metodologia que permitisse aos intérpretes pesquisadores explorarem as possibilidades de movimentos dos seus corpos. Pensando nisso, me aproximei do trabalho de tarefas Ana Halprin (1995) pois não exigem um corpo capaz de realizar proezas que superem limites, eu não sou capaz disso, nem desejo isso no meu trabalho. Elas não moldam os corpos, são os corpos que as moldam, elas adaptam-se às condições físicas do sujeito que as realiza. Não se destinam apenas a bailarinos com excelentes movimentos corporais. Esse procedimento não apenas traz ações simples e cotidianas para o campo da arte, mas também fornece acesso a sujeitos comuns com seus corpos imperfeitos. Rossini (2011, p.44) completa:

A tarefa constitui uma estrutura, um esqueleto, funciona como um elemento de sustentação definido e sólido, mas, ao mesmo tempo, incompleto. A determinação exata de uma ou mais ações não impede que o performer crie variações relativas às qualidades do movimento, tais como ritmo, tonicidade, velocidade e duração, por exemplo. Em decorrência das decisões que ele deve tomar, no momento de executar a tarefa, essa estrutura se torna única.

Acredito ser um bom caminho partir de ações cotidianas e a exploração de objetos, ainda mais porque foi o tipo de proposta que passou pelo meu corpo na minha trajetória. A repetição também foi explorada dentro do trabalho dos exercícios, eu utilizei bastante desse processo até chegar no esgotamento físico, pois acredito no potencial que o corpo tem de criação após esgotar as possibilidades que ficam dentro de um lugar racional com o objetivo de eliminar respostas prontas que os dançarinos tinham durante o processo criativo. Grotowski (1976) não se interessava pelas

primeiras respostas, mas sim com uma exploração exaustiva onde todas as possibilidades eram esgotadas, levando ao desvelamento da intimidade. Conforme o autor:

[...] não trabalhamos por meio da proliferação dos símbolos ou pela soma deles. [...] Pelo contrário, subtraímos, procurando a quintessência dos símbolos pela eliminação daqueles elementos do comportamento “natural” que obscurecem o impulso puro. (GROTOWSKI, 1976, p.4)

Como me proponho um atravessamento de diversas vozes, inclusive a minha, resgatei o trajeto que eu percorri até aqui como uma forma de me agradecer e não silenciar o pesquisador que foi se esgotando ao longo desses anos e sistematicamente foi encontrando novas motivações. Com isso, busquei apoio na autoetnografia como ferramenta durante o processo. Sylvie Fortin diz que “se a pessoa que conduz a investigação é indissociável da produção de pesquisa, porque, então, não observar o observador? Porque não olhar a si mesmo e escrever a partir de sua própria experiência?”. (FORTIN, 2009, p. 82)

E, por fim, como o resultado foi apresentado em vídeo, foi necessária sua inclusão na metodologia, pois a relação dos participantes com a “câmera” também era algo que deveria ser analisado e explorado. Conforme Machado (2007, p. 9-10) “Ao perceber a imagem eletrônica como suporte de criação, em meados dos anos 70, uma geração de artistas inaugurou no Brasil uma práxis criativa, que elegeu o vídeo uma linguagem de experimentação. Conforme Guedes (et al., 2022, p.10) “cabe salientar que não há uma metodologia própria para o desenvolvimento de uma videodança”, por isso, sendo guiado pela metodologia da prática como pesquisa, ao longo do processo, fui realizando experimentações e avaliando o que estava surtindo funcionando ou não compreendendo o processo de composição tanto num nível coreográfico quanto visual. (AIRES, 2018)

Trabalhei com o grupo algumas investigações em videodança resultando em algumas criações coreográficas envolvendo câmeras de celular, assistimos trabalhos de outros artistas disponíveis em plataformas online e realizamos algumas conversas sobre a linguagem cinematográfica (processos de captação de imagem e de som) e também das diversas possibilidades de relação que podemos ter com a câmera. Conforme é proposto por Tavares (2019), foi essencial considerar diversos elementos técnicos, como a forma, o cenário, os planos, cortes e outros aspectos, juntamente

com uma abordagem estética, baseada nas minhas referências. Assim, atuei como coreógrafo e diretor dos intérpretes para a tela do vídeo, assumindo também um papel de *videomaker*¹, filmando e dirigindo o trabalho.

Durante o processo, eu me coloquei apenas como criador e *videomaker*, pela dificuldade que é estar em cena e operar a câmera ao mesmo tempo. Conforme Rocha (apud KIRCHER, 2019) o videomaker é, ao mesmo tempo, coreógrafo, pois constrói a dança através de uma linguagem cinematográfica. Da mesma forma, o coreógrafo torna-se videomaker, pois ao criar uma coreografia, ele irá visualizar como os movimentos podem ser capturados pela câmera em diferentes ângulos e enquadramentos, e como essas gravações podem ser editadas para compor o vídeo final.

¹ Profissional responsável pela criação e produção de vídeos

3 DO QUE É QUE ESTAMOS ESGOTADOS?

[Qual o meu esgotamento? Fico me perguntando o porquê falar sobre isso.]

Reflexão do autor, 2023

Pelbart questionou: “Afinal, do que é que estamos esgotados?” (PELBART, 2016, p. 20). O esgotamento não deve ser interpretado de forma literal e óbvia, como se o corpo não tivesse mais opções, porque as possibilidades de se reinventar e persistir estão sempre presentes em outras formas de existência.

A sociedade já atravessou diferentes períodos marcados por enfermidades distintas: tivemos as doenças bacteriológicas e virais, e apesar de uma pandemia recente, estamos vivenciando um momento caracterizado pelas doenças neurológicas. Conforme mencionado por Han (2015), essas doenças não são de origem infecciosa, mas sim provocadas pelo excesso de positividade e não mais por algo negativo imunologicamente diverso. Além disso, não estamos mais apenas em uma sociedade disciplinar, mas também em uma sociedade de desempenho e produção. A primeira ainda carrega uma conotação de negatividade ou privação de direitos. Na sociedade atual, surge uma ideia de poder ilimitado, que se apresenta bastante sedutora.

No lugar de proibição, lei ou mandamento da sociedade disciplinar que está dominada pelo não, além de sua negatividade que possui a potência de gerar loucos e delinquentes, utiliza-se termos que incitam o bom desempenho possuindo substantivos como projeto, iniciativa e motivação, que possui outra potência a de gerar depressivos, esgotados e fracassados. Na esteira destas produções de sentidos convido o olhar do leitor a observar a Figura 1 de um filme coreografado por Vincent Paterson chamado *Dancer In The Dark*² de Lars Von Trier do ano 2000. Na história do filme temos a narrativa de Selma que é uma simples operária que está prestes a perder a visão e seu filho possui a mesma doença. Ela trabalha desesperadamente para ganhar dinheiro e pagar a cirurgia do seu filho. Não mede esforços para alcançar este objetivo, levando-a a extremos inimagináveis. Tem como fuga sua paixão pelos musicais norte-americanos, lugar onde ela enxerga otimismo e positividade: “tudo sempre acaba bem”.

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-jTi892SyWI>>. Acesso em: 10 mar 2023.

Figura 1 – Dançando no Escuro



Fonte: Dancer In The Dark de Lars Von Trier, 2000.

Diante desta narrativa que contribui significativamente com o contexto desta pesquisa, destaco o pensamento de Deleuze e Guatarri (1972), segundo os autores vivemos presos dentro desse universo criado pelo capital e a necropolítica que privatiza nosso desejo para cada vez mais e mais nos fazer consumir até a destruição e o total esgotamento, paranoia e adoecimento. Estamos vivendo como objetos de consumo, nossas vidas, identidades, tempo, nossas escolhas políticas, pensando em ideias que poderiam transformar o mundo, mas com a sensação de que elas não cabem nele e nos questionando se há algo para além da vida social imposta. Para contribuir com esta reflexão, na figura 2 (Esgotados do Cotidiano I), um post feito nas redes sociais por uma pessoa que eu não conheço, traz um recorte das sensações dos sujeitos e sua existência na sociedade atual.

Figura 2 – Esgotados do Cotidiano I



Corifeu @eumecontrolota · 1h

Tem uns dias q parece q o mundo lá fora está em desacordo, em desajuste, alguma oculta batalha cósmica está acontecendo, e as coisas estão sujeitas a muitos erros, atrasos, acidentes, empecilhos. Hoje foi um desses dias. Fiz rápido o que tinha pra fazer e voltei pra casa correndo

1 1 10 323

Fonte: Página do @eumecontrolota no Twitter³, 2023.

³ Disponível em: <<https://encurtador.com.br/wGLW7>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Segundo os autores que serão trazidos aqui, o esgotamento humano é causado por uma série de fatores inter-relacionados, que vão além dos fatores individuais ou organizacionais que as teorias mais convencionais apontam. Pode ser uma consequência da interação entre a estrutura social, as relações de poder e as práticas discursivas. Considerando isso, não há como descolar o esgotamento humano do sistema econômico vigente e que impõe toda a nossa forma de viver e automatiza nossos corpos numa espécie de coreografia.

Uma das relevâncias de abordar esse tema é que chegamos no momento que, mesmo que de forma oportunista, esse próprio sistema está questionando sobre a saúde das pessoas já que elas estão entrando em colapso. Eu mesmo, no auge de uma crise de estresse e assédio moral, senti o meu corpo todo adormecer de um lado, eu fiquei paralisado esperando aquela sensação terminar para continuar meu trabalho. Eu parecia mais um objeto daquele cenário, fundido a cadeira na qual eu estava sentado, em choque, mas continuando.

Numa noite de novembro de 2018, a operadora de call center Catiane Zimmermann teve certeza de que iria morrer. Quando o expediente já estava perto do fim, ela atendeu a uma reclamação que, nas suas palavras, era um “grande pepino”. Seguindo o protocolo, ela pediu o número do CPF e o nome completo do cliente. Ele se recusou a fornecer as informações e começou a hostilizá-la no telefone, debochando de seu emprego e chamando-a de “burra”. A certa altura, o homem disse que estava transmitindo a ligação por uma live no Facebook. Zimmermann começou a suar frio, sentiu dores no peito e dificuldade de respirar. Ela não sabia, mas estava começando a ter uma crise de pânico. Desorientada, pediu ajuda à sua supervisora, que a ignorou e mandou que continuasse trabalhando. Zimmermann piorou. Suas mãos começaram a tremer, o coração disparou e ela não aguentou mais a sensação de que morreria em segundos: encerrou a ligação abruptamente, desligou o computador, bateu o ponto e saiu o mais rápido que pôde. (LICHOTTI, 2023, p.15).

Este é um trecho retirado da edição 198 da Revista Piauí de março de 2023 que entrevistou Catiane Zimmermann da cidade de Campo Bom no RS. Um relato triste de uma atendente de *call center*, mas que poderia ser de qualquer um de nós. “Se eu continuasse ali, ia ficar louca” ressaltou a menina. No entanto, assim como muitas outras pessoas, Zimmermann retornou ao trabalho no dia seguinte movida pela necessidade de precisar do salário no final do mês e foi recebida como se nada tivesse ocorrido retomando normalmente ao seu posto de trabalho sufocante. Aqui faço uma referência a *Ligne de Cretê*⁴ de Maguy Marin que é um espetáculo de 2018 onde temos uma série de salas envidraçadas, verdadeiros cubículos, sem nenhum espaço,

⁴ Disponível em: <<https://vimeo.com/342745570>>. Acesso em: 10 jun 2023.

apenas o suficiente para que homens e mulheres se sentem e cumpram com o seu dever funcional. Os movimentos são de gestos automatizados e alguns impulsos comuns entre todos. A seguir, uma imagem da obra:

Figura 3 – Ligne de Crête



Fonte: Théâtre de la Ville Paris, 2018.

3.1 O ESGOTADO

Alguns autores não se limitam a afirmar que o esgotamento é puramente um fenômeno físico ou psicológico. Eles vão além, definindo o esgotamento como resultado de relações de poder, discursos e práticas culturais. Embora, alguns não ofereçam uma definição direta do termo, podemos compreender, de acordo com Foucault (1979), por exemplo, que existe um controle social exercido sobre o corpo dos indivíduos. Ele argumenta que a sociedade moderna exige produtividade e disciplina dos indivíduos e essa forma de vida nos esgota.

Deleuze traz o esgotamento, também por meio dos mecanismos de controle e poder que operam na sociedade, como uma condição que surge quando esses mecanismos esgotam as forças vitais de um indivíduo. Ele argumenta que a sociedade moderna é caracterizada por um excesso de controle, que esgota as forças criativas dos indivíduos. Em um importante ensaio publicado “O Esgotado” de 1992, Deleuze busca entender tais conceitos em uma análise da dupla de narradores-narrados Molloy e Moran da obra Molloy (1951) de Samuel Beckett. Deleuze (2010, p.65) traz uma definição clara do que é um corpo esgotado fazendo diferenciação do corpo cansado:

O esgotado é muito mais do que o cansado. [...] O cansado não dispõe mais de qualquer possibilidade (subjéitiva): não pode, portanto, realizar a mínima possibilidade (objéitiva). Mas esta última permanece, porque nunca se realiza todo o possível, faz-se, inclusive, nascê-lo, na medida em que se o realiza. O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. O cansado não pode mais realizar, mas o esgotado não pode mais possibilitar.

Já Lapoujade traz o conceito de um corpo cansado e fala sobre a potência dos corpos que não aguentam mais, eles rastejam, rolam, fazem o mínimo possível, mas ainda resistem, isso me interessa muito. Entendo que possui um conceito diferente de esgotado, conforme Pelbart (2013, p. 413) “o esgotamento pode ser uma categoria política, biopolítica, micropolítica até, desde que se compreenda que não equivale a um mero cansaço”, mas irei utilizar em alguns momentos por compreender que é um trajeto inevitável para o corpo esgotado. Lapoujade fala sobre a potência do corpo cansado:

O “eu não aguento mais” não é, portanto, o signo de uma fraqueza da potência, mas exprime, ao contrário, a potência de resistir do corpo. Cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência. É a razão pela qual toda doença do corpo é, ao mesmo tempo, a doença de ser agido, a doença de ter uma alma-sujeito, não necessariamente a nossa, que age nosso corpo e o submete às suas formas. (2002, p.9).

E Peter Pál Pelbart (2013) destaca que esgotamento não é simplesmente uma questão de falta de energia ou de recursos, mas é uma condição profundamente enraizada nas estruturas sociais e culturais da sociedade moderna. Ele argumenta que a sociedade atual está cada vez mais obcecada com a produtividade e a eficiência, e isso leva as pessoas a se sentirem esgotadas. E numa sociedade que romantiza o excesso de trabalho e valoriza aqueles que se mostram felizes até com condições de trabalho duvidosas se ajustando e adaptando a novas demandas, ele vê nessa racionalidade capitalista a consequência para o esgotamento dos seres, pois uma pressão é gerada constantemente sobre as pessoas levando até a problemas de saúde mental e física. Na imagem a seguir, ANIMA, um espetáculo de videodança coreografado pelo belgo-francês Damien Jalet. A cena ⁵ retratada na imagem, traz operários dentro de um trem indo para o trabalho, nitidamente já estão todos cansados

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X8BBTuozcAE>>. Acesso em: 15 abr 2023.

e esse é o impulso para os movimentos inspirados no gesto de uma cabeça que cai de um corpo que não aguenta mais de sono.

Figura 4 – ANIMA⁶



Fonte: Cena 1 do videodança Anima de Paul Thomas Anderson, 2019.

Importante reforçar que a reflexão que Deleuze (2010) faz sobre o corpo esgotado é de que não basta para este ter um momento de descanso ou reduzir a carga. Nesse contexto de uma sociedade, aparentemente em colapso, Pelbart (2017) nos diz que ele não vê uma saída para isso e nem uma nova sociedade, afirmar isso seria pretensioso, mas o que ele consegue enxergar são várias tentativas de experimentar uma nova relação consigo, com o entorno, com os poderes e com o próprio corpo para assim ter pistas que poderiam indicar outros modos de existência.

No geral, esses autores, enfatizam que o esgotamento é uma condição que é criada e mantida pelas relações de poder e controle que operam na sociedade. Pressões sociais, demandas incessantes do trabalho, a competitividade desenfreada e as expectativas impostas pela cultura dominante contribuem para a exaustão física e mental que experimentamos. E com isso destacam a importância de analisar essas relações para entender as raízes do esgotamento e assim podemos então desenvolver estratégias e abordagens que visem contrariar e resistir a essas dinâmicas opressivas.

⁶ Disponível completo em: <<https://www.netflix.com/br/title/81110498>>. Acesso em: 15 abr 2023.

4 OS DANÇARINOS ESGOTADOS

4.1 PRIMEIRAS PERCEPÇÕES

[Eu ainda não entendi como cheguei até esse momento. É estranho porque eu coloco como justificativa o esgotamento apenas associado a uma inspiração vinda do trabalho do Beckett e da Maguy, como se fosse descolado de quem eu sou, quando na verdade é porque há anos eu me sinto assim, sinto um vazio, uma letargia, só espero pelo dia seguinte, parece que não sinto mais. Cheguei à conclusão de que eu vivo isso e não poderia escrever sobre outra coisa. Eu busco algo que eu ainda não sei o que é, mas quero que faça sentido ou melhor, me faça sentir.]

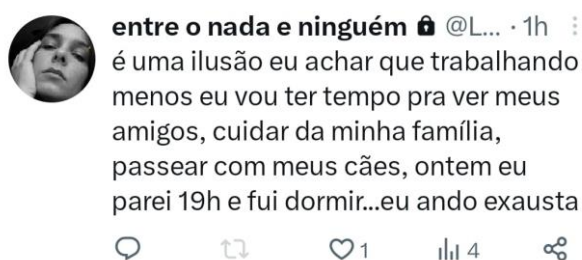
Reflexão do autor, 2023

Foram inevitáveis e provocadas situações que me trouxeram até aqui, mas posso afirmar que foi abstruso. Diversos pensamentos atravessaram a minha cabeça no caminho para o ensaio, na verdade durante a semana toda. No dia, acordei, pensei no que me motivava a sair da cama como em todos os outros, esperei até o momento de me atrasar, saí sem comer e fui encontrar com o grupo. Estar cercado de pessoas que eu gosto pode ser uma boa forma de existir e resistir aos sistemas de opressão e controle, foi pensando nisso que os chamei para que pudéssemos ter um espaço seguro para experimentar. A minha preocupação era colocar pessoas com histórias de vida e pensamentos muito distintos no mesmo local para realizarem troca que deveria ser profunda e segura para que assim permitisse uma criação coletiva e descobertas fossem feitas. Chegamos e não apresentei ninguém. Queria que se conhecessem e estabelecessem uma conexão por meio de suas histórias e corpos. Conversamos sobre como estávamos no momento atual de nossas vidas, compartilhando nossos medos e sonhos. Logo, cada pessoa foi encontrando afinidades nas histórias umas das outras, o que fez com que a conversa fluísse. Nossa primeira roda de conversa.

As pessoas deixam de fazer coisas que gostam, preenchendo seu dia com atividades relacionadas a algum tipo de produtividade, a fim de fugirem do sentimento de falta, ao mesmo tempo em que são consumidas pelo medo de ficarem sobrecarregadas. Nós até reivindicamos por mais tempo livre, denominando-o de qualidade de vida, mas nos preocupamos em preencher esse tempo para que não pareça desperdiçado. Essa preocupação constante com a produtividade é exaustiva.

Conforme discutido em uma roda de conversa, até mesmo visitar a família é acompanhado por um sentimento de não estar fazendo nada. A permissão para parar só surge em casos em que o corpo não aguenta mais, quando estamos doentes. “Eu estou no melhor momento da minha vida, um casamento foda, um trabalho foda, mas eu não mereço isso. As vezes nem consigo sair da cama. Comecei a tomar remédios controlados.” (CORPO ESFALDADO, 11 mar 2023).

Figura 5 – Esgotados do Cotidiano II



Fonte: Página da @LucianaTondo no Twitter⁷, 2023.

Em um dos primeiros exercícios, os desafiei a comunicar algo apenas através do olhar, não podendo expressar com palavras o que queriam dizer. Já estamos acostumados com essa forma, agora era a vez de envolver o corpo. Presenciei corpos suspensos, olhos prestes a explodir de ansiedade, prontos para vomitar. Literalmente.

O vômito trouxe a vulnerabilidade de uma das intérpretes, que é uma executiva de alta performance, uma profissional diferenciada segundo o diretor da nossa empresa. No final disse “Eu me comparei com as outras pessoas, achei que podia ir mais, não respeitei meu limite, percebi que faço isso o tempo todo, vou levar isso para a terapia.” (CORPO EXAUSTO, 11 mar 2023).

Sobre a comparação, penso que a gente funciona com relações, a gente não funciona sozinho. Então ela pode acabar sendo fundamental. Intrinsecamente. Por quê? Porque nós não somos sozinhos. Mas o interessante foi a pessoa perceber isso no final do exercício e refletir sobre. Para mim, a culpa também foi uma pauta importante deste dia. O coração que não descansa quando tudo está bem, se está tudo bem, parece que algo não está bem, a culpa por ter conquistado uma vida tranquila financeiramente que nossos pais não conquistaram, a culpa por ter conquistado a viagem dos sonhos, a culpa por não dar a atenção para quem eu gosto,

⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/LucianaTondo>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

a culpa por sentir que devo algo para quem me ajudou chegar aqui, a culpa por estar feliz, a culpa por estar aqui escrevendo e não em outro em lugar. Só culpa. (Caderno de artista, VARALLO, 11 mar 2023). Isso cansa. “[...] Culpa cansa, Culpa pesa. Culpa é pedra [...]. Culpa é casa [...]. Culpa é mágoa e corrente. (SALOMÃO, 2018, p.19)

Em um dos exercícios, quando o grupo já estava numa espécie de bloco, solicitei que seguissem a luz de uma lanterna, como se ela representasse tudo aquilo que eles precisavam naquele momento. Eles puderam segurar essa luz por alguns instantes e passá-la para outro colega quando achassem necessário ou se sentissem inclinados a fazê-lo. “Quando tu levou a luz embora, senti como se a minha vida fosse acabar, fiquei com vontade de gritar, mas não gritei”. (CORPO APLASTADO, 11 mar 2023).

Voltei a realizar o mesmo exercício em um dos últimos ensaios, agora utilizando a minha mão no lugar da lanterna, fiz a provocação que ali havia a resolução de todos os seus problemas, tudo o que precisavam para serem felizes.

Figura 6 – Registro de Processo I

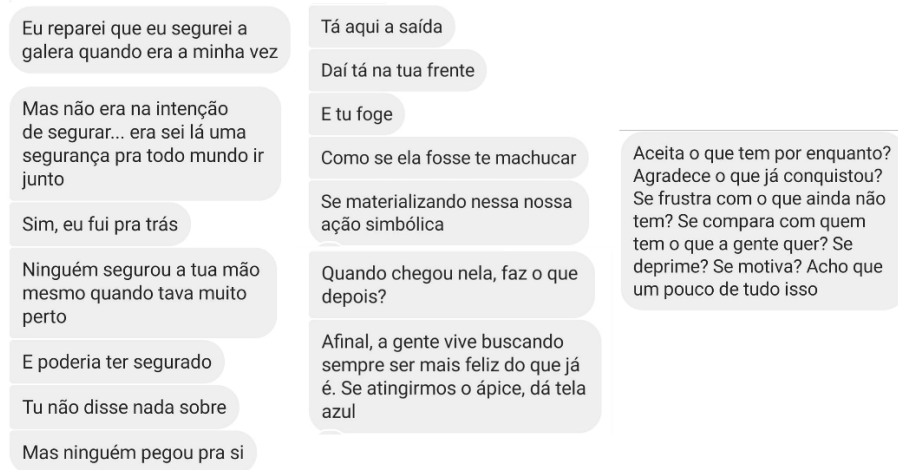


Fonte: Imagem do Processo Criativo, 06 mai 2023.

No primeiro ensaio, quando retirei a luz, um sentimento de perda e vazio pairou no ar. Já na segunda vez, eles evitaram a "felicidade", mesmo sabendo que a minha mão simbolizava o que precisavam. Não fazia sentido não pegarem para si; eles continuavam a seguir freneticamente com o olhar, mas evitavam se aproximar

fisicamente. Eles próprios se deram conta disso, conforme discutido na roda de conversa.

Figura 7 – Respiros do Elenco I



Fonte: Mensagem privada via Instagram do Corpo Acabado, 2023.

Durante o exercício, continuei provocando ao mover minha mão para frente e para trás, também fazendo-a tremer. E se eles tivessem a agarrado? Provavelmente teria resolvido a situação, mas então eles não seriam esses seres que personificam essa luta entre esgotamento e fuga. Precisamos estar nessa oscilação. Precisamos viver dessa maneira. Eu acredito que essa não seja uma condição inerente à natureza humana, mas sim algo que adquirimos através da socialização. (Caderno de artista, VARALLO, 13 abr 2023)

Isso é algo que fui percebendo aos poucos, como a fuga só existe em decorrência do esgotamento, e como as pessoas se confundem nessa dinâmica, ao mesmo tempo em que as fugas podem ser expressões particulares do esgotamento de cada indivíduo. Até esse momento, eu acreditava que meu trabalho estava relacionado à fuga, mas agora retomo a ideia das possibilidades. Os autores trazidos aqui falam de uma reprogramação, que existe uma forma ou formas, a gente precisa reorganizar o sistema, encontrar vacúolos no devir. Há formas, existem formas, mas estamos enraizados nessa forma de vida sem conseguir perceber outras possibilidades.

Sim, a gente não se dá conta, a gente foge. Porque se a gente percebesse, a gente não faria. No momento em que a gente percebe, a gente é tipo opa! E a gente até estava falando um pouco da razão também de tu te autossabotar assim, quando tu está muito, muito, muito perto, porque o Dani não estava fugindo e a gente tendo que correr atrás, ele ia e daqui a pouco

ele vinha até a gente. E aí quando estava muito, muito, muito perto, a gente podia. (CORPO ACABADO, 13 abr 2023).

Percebo que muitas vezes podemos estar diante da oportunidade de enxergar a luz e tê-la ao nosso alcance, mas optamos por não seguir em frente. No entanto, também é possível que estejamos constantemente correndo em busca de algo, e quando finalmente alcançamos, surge o questionamento: o que vem depois? Surge o medo do vazio e o receio de nos sentirmos completos. E agora, o que faremos? Certamente, vamos desejar algo mais. Provavelmente, porque fomos ensinados a sempre querer mais e a nunca nos contentarmos com o que temos. (Caderno de artista, VARALLO, 13 abr 2023).

Eu não queria me formar. Não tenho desejo de me formar porque eu não entrei na faculdade para me formar. Desde que eu escolhi uma faculdade, desde que eu estava no ensino médio e pensando o que eu vou fazer depois? Eu não tinha vontade de exercer nenhuma profissão, até porque eu não via sentido em existir no capitalismo, não tinha vontade de contribuir com nada. Para mim era tudo corrompido. Qualquer coisa que eu tentar fazer, eu ia entrar um joguinho que eu ia ser obrigada a agir de um jeito que eu não quero. Para mim eu estava justamente contente com o que eu tinha, que era estar na graduação, porque eu estava aprendendo e era isso. Não tinha pressa nenhuma. (CORPO APLASTADO, 13 abr 2023).

4.2 INICIANDO A EXPERIENCIAÇÃO

[Meu corpo e minha mente não acompanham a minha vontade]

Reflexão do autor, 2023.

Como é um grupo diverso no que diz respeito a relação com a dança, nos dois primeiros encontros, abordei questões relacionadas à cena e à expressividade. Acredito que, por meio dessa exploração, tenha sido possível trabalhar alguns fundamentos e expandir a visão sobre a dança. Também introduzi alguns exercícios que envolviam a utilização de tarefas, seguindo a metodologia de Anna Halprin (1995). Além disso, exploramos diferentes qualidades de movimento, como PESO, TEMPO e FLUXO. Também nos aventuramos a trabalhar com o ESPAÇO, baseados na categoria Expressividade⁸ do Sistema Laban/Bartenieff.

⁸ A categoria Expressividade no Sistema Laban/Bartenieff refere-se às qualidades dinâmicas de movimento na Dança ou no cotidiano. Ver mais em Fernandes (2006).

No início, solicitei aos bailarinos que revisitassem mentalmente suas rotinas diárias e, diante da dificuldade de selecionar momentos específicos, pedi que verbalizassem em voz alta e compartilhassem com os outros colegas enquanto percorriam o espaço. Em seguida, instruí que trouxessem essas rotinas para seus corpos, iniciei assim uma série de provocações, como por exemplo, como ficariam esses movimentos se fossem estivessem flutuando ou com grande peso sobre suas cabeças, se acelerassem ou quase congelassem, além de movimentos mais contidos e outros expansivos. Recebi uma resposta positiva deles, pois visualmente compreenderam o que foi pedido.

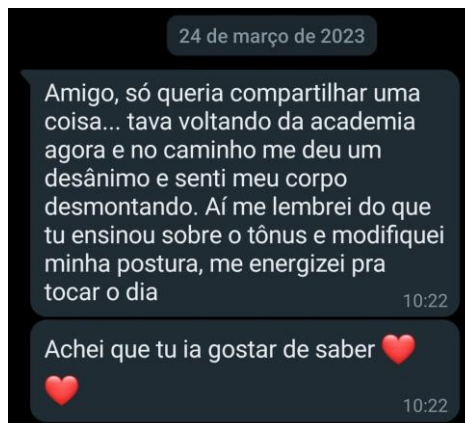
Em seguida, eu distribuí alguns objetos pela periferia da sala, como uma cadeira de madeira grande, um rolo de papelão de 5 metros, um leque, uma caixa contendo gesso, um cabo de vassoura, duas mesas redondas e uma mala grande. Meu objetivo era observar como eles exploravam as possibilidades de cada objeto e provocá-los a sentir o peso, textura, cheiro, assim como perceber as respostas corporais que surgiam quando interagiam, carregavam esses objetos e como isso impactava até em seu deslocamento pela sala. “Carregávamos, por exemplo, objetos de diversos tamanhos de um lado para o outro da sala estabelecendo velocidades diferentes. Foi possível constatar que o esforço produzia, depois de um tempo, uma determinada exaustão física” (ROSSINI, 2011, p.35). Então, os provoquei a explorar diferentes maneiras de segurar e se deslocar com esses objetos, mas o aspecto mais importante do exercício era que registrassem em seus corpos o que estava envolvido na execução dos movimentos. Em seguida, solicitei que colocassem os objetos no chão e continuassem a imaginar que ainda estavam segurando-os, pois eu desejava observar a mesma expressividade que havia sido apresentada antes, mas agora apenas por meio do corpo.

O grupo destacou a dificuldade de acessar as qualidades de movimento após deixarem os objetos. Eles encontraram dificuldade em filtrar os estímulos e registrar as frases de movimento que estavam sendo criadas. Com isso, surgiu desconforto, comparação e frustração. Ao contrário da semana anterior, quando tiveram uma prática mais lúdica, desta vez eu apenas solicitei que registrassem o que estavam sentindo em seus corpos. Meu objetivo era que eles comesçassem com movimentos confortáveis, familiares para eles, e em seguida explorassem outras possibilidades, ativando áreas do corpo e da mente que não estão acostumados. A repetição foi usada como uma ferramenta pois oferece uma oportunidade de observação.

Durante todo o processo, pude observar uma grande expectativa por parte do grupo em realizar movimentos baseados em ideias preconcebidas sobre dança. Percebi que alguns se orientavam por movimentos virtuosos oriundos de estéticas mais clássicas eurocentradas, que ainda possuem uma certa hegemonia no imaginário do senso comum sobre o que é dança. Em determinado ensaio, uma das pessoas participantes ressaltou “Não há nada de dança aqui, não tem fundamento, não tem nada, precisamos de uma contagem [...]” (CORPO EXAUSTO, 27 de maio de 2023). Ela se referia à contagem, que é comumente usada para sincronizar movimentos, mas foi uma escolha não a utilizar neste caso.

Maguy Marin em uma entrevista em 2016, diz que não faz distinção de idades para compor seus elencos. Afirma que trabalha com pessoas que são todas artistas e cada uma atua com potencial e energia dentro das suas possibilidades e o interessante é a maneira particular como cada um responde ao mesmo propósito. Essa mesma perspectiva foi reforçada por mim ao final de cada ensaio, pois valorizei as diferentes contribuições de cada pessoa e fiz com que se reconhecessem como artistas, independentemente da experiência. E meu papel era contribuir com a aprendizagem, “[...] não demonstrar movimentos, mas sim criar condições para que eles se movimentassem” (VERDERI, 2000, p.98). Compreendi ao longo de todo processo que o papel de diretor também pode ser de educador e que o processo criativo também é educativo “A dimensão pedagógica é inerente à arte e, com efeito, não existe processo criativo que não contenha em si uma dimensão pedagógica”. (ICLE, 2012. p. 12)

Figura 8 – Respiros do Elenco II



Fonte: Mensagem enviada pelo CORPO ESFALDADO no WhatsApp, 24 mar 2023.

É bastante comum no trabalho de tarefas de Anna Halprin que a questão do cansaço se manifeste. Com o cansaço, pude observar movimentos fluidos e completamente distantes de qualquer racionalização. Não era mais possível distinguir onde os movimentos começavam e terminavam, e era impossível identificar sua origem específica. “Eu desisti de pensar nos movimentos, só comecei a fazer.” (CORPO EXAUSTO, 18 mar 2023). Essa afirmação me interessa muito pois senti necessidade de durante o processo ter esses momentos de rompimento do corpo cultural e socialmente construído por meio de uma espécie de esvaziamento e esgotamento físico. Subvertendo esses movimentos cotidianos, despojando-os de propósito, tornando-os inúteis, porém não menos essenciais. “Eu estava tão cansado que nem para mim o movimento estava fazendo sentido”. (CORPO CONSUMIDO, 18 mar 2023).

4.3 ENCONTRANDO FRESTAS

[Por diversos momentos eu paro, fico olhando pro teto e pensando sobre minha vida e quanto pensar sobre isso. Olhar o esgotamento de frente está sendo uma forma de lidar com ele.]

Reflexão do autor, 2023

Eu estava totalmente bloqueado, dormi aflito pois me perdi no processo e não sabia onde iria chegar com esse ensaio, não consegui planejar nada. Na noite anterior, eu havia pedido que duas pessoas do grupo conduzissem um alongamento no início do ensaio, adotei essa prática ao longo do caminho. Acredito na importância dessa troca e na participação ativa do grupo, pois acredito que dessa forma eles podem criar uma energia coletiva e sentir que o projeto também lhes pertence. A única coisa que me preocupei em trazer para este dia, era uma noção de presença, um conceito difícil de explicar, ainda mais para pessoas que não vivenciam a arte, e é um lugar desafiador de alcançar.

Nas artes cênicas, o conceito de presença é considerado não apenas em função do sujeito, mas também em função do artista. Ele é construído em torno de sua corporalidade: a intensidade de sua presença física está no núcleo do ato performativo. Ela refere-se à sua força de atração ou a seu carisma, capazes de prender a atenção do público (BOURASSA, 2013, p. 132)

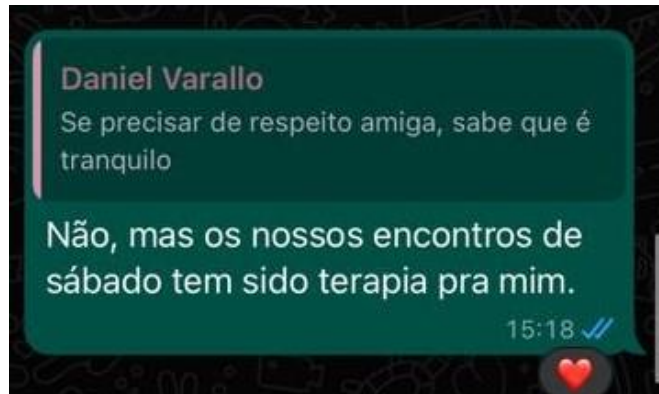
Realizamos um exercício com o objetivo de trazer o corpo para o momento presente, utilizando o recurso do toque em que os participantes deveriam tocar a si mesmos. Como não havia planejado nada com antecedência, permiti que o exercício se desenrolasse organicamente. Para evitar comparações, os intérpretes realizaram todo o ensaio de olhos fechados, proporcionando um desprendimento maior e ao se encontrarem, deveriam se tocar, resultando em uma grande massa de corpos que buscavam interagir uns com os outros. O que pude perceber foi a entrega mútua, a confiança e o desapego que os participantes demonstraram. Os movimentos eram precisos, espontâneos e cheios de riqueza. Lembrei de uma oficina de *Clown* com a Gabriella Argento, a primeira palhaça brasileira do *Cirque du Soleil*, na qual realizávamos o que ela chamava de "exercício do palhaço". Ele, consistia em realizar um gesto aleatório e deixar que ele conduzisse a outros gestos, sem pensar, apenas deixando o corpo agir de um movimento para outro. "Permitir que o movimento simplesmente surja sem obsessão ou intelectualização" (VIANNA, 2005, p. 123). Pude ver um resultado muito semelhante, um estado de presença e de jogo constante onde alguém propunha um movimento e os demais compravam a ideia, um espaço livre, pude vê-los brincando, sendo sensuais e, principalmente, pesquisando.

A busca pelo toque é algo que me trouxe muita tristeza e sentimento de solidão por um período da minha vida. Eu fui uma adolescente muito afetuosa com meus amigos no colégio, recebia abraços todos os dias. Quando entrei para a faculdade, encarei uma dureza nas interações que me desestabilizou muito e me travou para muita coisa. Fui curando isso em mim, reaprendendo a viver esse afeto e encontrar os espaços em que eu recebia isso. A pandemia jogou esse conforto fora, até para voltar a abraçar meus pais foi muito difícil. Ter esse espaço hoje de descoberta do corpo do outro sentindo como algo natural, tranquilo, com segurança, foi muito curioso, surpreendente e prazeroso. Eu imaginava que poderia me sentir desconfortável e insegura por receio que me tocassem de forma que eu não fosse gostar ou de tocar o outro de forma desagradável, mas a forma como a prática se desenvolveu deixou zero espaço para isso. Também achei que esse toque pudesse causar reações mais sexuais em mim, esse cenário de várias pessoas me tocando etc...., mas também não me veio nada nesse sentido. O que eu senti foi a completa entrega ao grupo, sentimento de pertencimento, de desprendimento. E foi incrível. Também me chamou muita atenção como fomos derretendo para o chão... enfim, foi um exercício que vai reverberar em mim por muito tempo. Saí até atordoada depois, achei que ia ser difícil "acordar", mas deu tudo certo. (CORPO ESFALDADO, 25 mar 2023)

Acredito que um dos maiores desafios foi estabelecer um espaço seguro e de confiança, no qual os participantes pudessem se expressar livremente. Isso me leva a refletir sobre a importância desse ambiente para permitir trocas, sem comparações, sem julgamentos, e para que a dança possa levá-los a repensar suas vidas. Esse

lugar é algo não apenas físico, mas também mental e criativo, um refúgio no meio de todas as obrigações que cada um enfrenta em seu dia a dia.

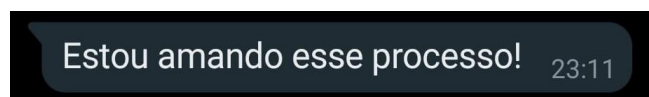
Figura 9 – Respiros do Elenco III



Fonte: Mensagem enviada pelo CORPO EXAUSTO no WhatsApp, 24 abr 2023.

Isso reforça a importância também de abriremos um espaço, uma fresta, no nosso tempo no dia a dia para ter essas experiências como essa e que isso nos pertença em todos os momentos de nossas vidas, de maneira integral (Caderno de artista, VARALLO, 25 mar 2023). Segundo Derdyk (2011, p.2) “O gosto pelo jogo da criação estabelece vínculos profundos entre os sujeitos, que assim se apropriam de suas identidades e alteridades, sempre, em qualquer lugar, e em qualquer espaço”. “Vir para cá no sábado de manhã está sendo uma fuga para mim depois de uma semana de trabalho” (CORPO EXAUSTO, 25 mar 2023). Essa, talvez, era uma das minhas maiores preocupações, criar um ambiente seguro e inclusivo para diferentes corpos. “Estamos todos muito entregues ao processo, pela confiança em ti, óbvio, não me sinto julgado, está todo mundo despido e hoje foi o ápice disso”. (CORPO ESFALDADO, 25 mar 2023).

Figura 10 – Respiros do Elenco IV



Fonte: Mensagem enviada pelo CORPO CONSUMIDO no WhatsApp, 04 abr 2023.

O elenco expressou gratidão pelo ensaio desse dia, pois puderam sentir a união do grupo e superar algumas barreiras pessoais. Destaquei o privilégio de termos um

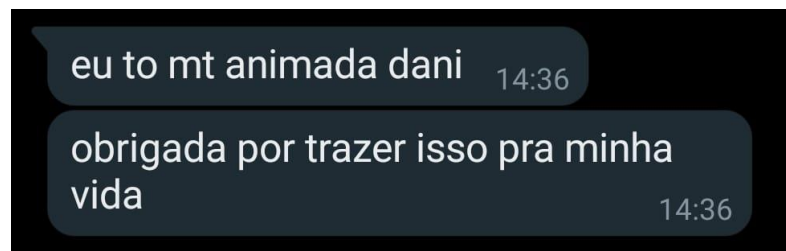
⁹ Onde está escrito “respeito” leia-se “respiro”, foi um erro do corretor da ferramenta.

espaço onde pudemos viver tal experiência. Enquanto conduzia o exercício, pude vislumbrar, através de uma fresta na porta do camarim ao lado do tablado de ensaio, a pessoa que abre a sala para nós todos os sábados de manhã, movendo-se ao som da música e seguindo minhas orientações. Isso me faz refletir sobre o quanto desejamos ter um espaço para nos enxergar, nos afetar e nos sentirmos vivos.

Em geral, a gente não está muito presente naquilo que a gente quer fazer na vida, a gente está um pouco presente no trabalho, aqui e ali [...] A gente tenta de certa forma fugir para ficar um pouco presente em alguma coisa um pouquinho mais. (CORPO ABATIDO, 29 abr 2023).

Também propus uma atividade de criação em duplas, selecionadas com base na minha percepção em relação à personalidade de cada um, formando-as de acordo com o que eu acreditava que poderia funcionar. Meu objetivo era provocá-los com a seguinte questão: "O que eu não aguento mais?" A seguir, compartilho um dos retornos que recebi ao longo da semana após deixar uma provocação de criação para levarem para casa.

Figura 11 – Respiros do Elenco V



Fonte: Mensagem enviada pelo CORPO ABATIDO no WhatsApp, 15 abr 2023.

O que me chamou bastante atenção foi o resultado do exercício de cena realizado por uma dupla composta por duas mulheres. Uma delas sonha em ser mãe, enquanto a outra não compartilha desse desejo. No entanto, durante o processo, ambas chegaram à conclusão de que sofrem violência em relação ao seu corpo e às suas escolhas.

[...] encontrar nela essa parceria, nossas identificações como mulheres, a afinidade que desenvolvemos [...]. A forma como o que pensamos, retratar o nosso esgotamento diante da violência, da opressão e da pressão que sofremos como mulheres, da maternidade compulsória, se transformou em algo tão leve aos olhos do grupo e divertido para nós foi muito incrível. Nós pensamos em alguns movimentos, e pela metade da performance eu disse para ela "aí a gente se enlouquece", e foi aí que nos conectamos e nos divertimos mais, eu me senti genuinamente feliz, plena em contentamento por estar naquele momento com ela. (CORPO ESFALDADO, 25 mar 2023)

Nesta cena, me impressionou o caminho que elas tomaram para retratar algo que as agride tanto. Diferente das demais criações, elas trouxeram algo leve e que foi resultado da conexão que criaram ao longo da semana, isso ficou evidente para todo o grupo. Existia uma sororidade em cena, uma cumplicidade e isso borrou um resultado que tinha tudo para trazer o oposto. Me lembro de assistir um programa de TV, Saia Justa da GNT¹⁰, onde a ativista Bela Gil (2023) conversa com outras mulheres sobre diversos assuntos e disse que seu maior antidepressivo sempre foi a relação dela com suas amigas e ela faz referência a Robin Dunbar¹¹ que possui uma pesquisa extensa sobre relações e reforça a importância da conexão das mulheres umas com as outras e como isso é imprescindível para uma qualidade de vida: “As mulheres podem ficar satisfeitas com uma conversa profunda. [...] entre as atividades que mais ajudam as mulheres estão a de se reunir e conversar sobre qualquer coisa que as faça rir com suas amigas” (DUNBAR, 2016, p.35). Isso me faz pensar que esse espaço de experimentação em dança, também nos permite perceber outras possibilidades para lidar com o esgotamento.

4.4 ENCONTRANDO POSSIBILIDADES

Existiu um momento na pesquisa em que eu pensava que deveria encontrar um corpo que representasse o esgotado, algo que surgisse na pesquisa e ao mesmo tempo conversasse com a teoria. Pelbart traz em sua obra de 2013 uma referência muito interessante sobre um corpo que está apenas existindo, ele denomina como “muçulmano” fazendo referência aos corpos que viviam em campos de concentração nazistas e explica que usa esse termo, ao invés de judeus, por causa da submissão desses corpos à vontade divina “conforme a imagem simplória, preconceituosa e certamente injusta de um suposto fatalismo islâmico”. A definição do autor é a seguinte:

O "muçulmano" era o cadáver ambulante, um feixe de funções físicas nos seus últimos sobressaltos. Era o morto-vivo, o homem-múmia, o homem concha. Encurvado sobre si mesmo, esse ser bestificado e sem vontade tinha o olhar opaco, a expressão indiferente, a pele cinza pálida, fina e dura como

¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/Cqliz9zuw-9/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>>. Acesso em: 20 mai 2023.

¹¹ Famoso pela teoria de Dunbar onde diz que as pessoas só conseguem ‘administrar’ até 150 relações sociais – seja nas primeiras sociedades de caçadores-coletores ou na vida moderna.

papel descascado, a respiração lenta, a fala muito baixa, feita a um grande custo... O "muçulmano" era o detido que havia desistido, indiferente a tudo que o rodeava, exausto demais para compreender aquilo que o esperava em breve, a morte. Essa vida não humana já estava excessivamente esvaziada para que pudesse sequer sofrer¹². (PELBART, 2013, p. 25).

O próprio elenco durante o processo, já me trazia a representação de um corpo que para eles era o de alguém cansado e esgotado: um corpo caído sobre si. E era uma proposta muito interessante. Mas o que realmente era interessante, era o esgotamento físico dos corpos nos exercícios em que experimentávamos isso. “Meu corpo começou a tremer. Não identifiquei mais a parte que estava doendo” (CORPO ACABADO, 01 abr 2023). Após observar por alguns minutos os bailarinos com seus troncos caídos sobre os quadríceps, percebi que minha única referência visual era um par de nádegas e duas pernas. Em certo momento, cheguei a esquecer que havia uma parte superior do corpo, e isso me trouxe uma sensação semelhante àquela que experimentamos quando repetimos várias vezes uma palavra simples e começamos a questionar se ela realmente existe: cadeira cadeira cadeira cadeira cadeira cadeira cadeira cadeira. Eu gostava disso.

Retornei a proposta de tarefas, a fim de explorar a relação dos corpos dos bailarinos com objetos e o espaço, visando prepará-los para os ensaios no local de gravação da videodança. Propus uma interação com cadeiras, alguns a utilizaram para alongar em razão do exercício anterior e outros partiram para uma nova descoberta. “A condição do meu corpo fez mudar totalmente as possibilidades do que eu faria com a cadeira”. (CORPO ACABADO, 01 abr 2023)

Pedi aos bailarinos que dessem um novo significado à utilização da cadeira, permitindo que ela também influenciasse seus corpos. Foi um exercício longo e cansativo, porém extremamente rico em termos de criação. “Acho interessante o exercício ser longo, porque quando tu pensas que não tem mais nada para criar, tu renova as possibilidades” (CORPO ABATIDO, 01 abr 2023). Percebi uma certa monotonia nos primeiros 30 minutos do exercício, onde os bailarinos pareciam estar presos em suas racionalizações e limitados nas possibilidades de movimento. No entanto, após esse período, quando estavam cansados e esgotaram suas ideias programadas, começaram a apresentar movimentos novos.

Observando os corpos cansados, que lutavam para seguir realizando a tarefa proposta, o que chamava minha atenção não eram as questões relativas às

¹² P. Levi, *É isto um homem?*, Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

energias corporais obtidas ou as qualidades que o movimento adquiria a partir do esforço, mas a monotonia que a repetição das ações gerava. Parecia que o tempo custava a passar. (ROSSINI, 2011, p.35)

Foi interessante observar as diferentes relações que cada bailarino estabeleceu com o objeto ao longo do tempo. Essas relações variaram, algumas era de poder como se a cadeira fosse algo superior e com controle sobre eles, alguns a enxergaram como um simples acessório, enquanto outros o utilizavam como um elemento de sensualidade.

Chegou um momento que eu comecei a me apaixonar pela cadeira, mas antes de eu me apaixonar por ela, tive uma relação de que ela era superior, pois tudo que me restava de possibilidade de vida, era o que eu poderia fazer com ela, então a cadeira era superior a mim. (CORPO APLASTADO, 01 abr 2023)

Com esse relato e o diálogo com os autores, reflito sobre a nossa relação com uma sociedade de controle, que nos limita, nos sufoca e nos leva ao ponto de explorar os nossos movimentos e possibilidades até o esgotamento. Nesse momento que parece um fim da linha, começamos a buscar novos caminhos. O que há para eu fazer nesse lugar? Que possibilidades? Posso escolher como me colocar nesse lugar? Eu tenho esse lugar no mundo que é a cadeira, mas estarei sempre submisso a ele. Eu posso explorar. Mas estou restrito de existência ao que é possível para mim. Na verdade, a cadeira não estava segurando ninguém. (Caderno de artista, VARALLO, 01 abr 2023).

O lugar não precisa de mim, eu que me coloco a disposição dele e permaneço nele, ele limita as minhas possibilidades de existência, é relação de amor e ódio, mas tento ver beleza nisso, pois se eu me apaixonar por esse lugar, posso ignorar o fato de que existe um condicionamento que não é de liberdade. (CORPO APLASTADO, 01 abr 2023)

Na relação com a cadeira, observei um paradoxo que reflete a realidade da vida. Vivemos em uma sociedade onde somos submetidos a um sistema imposto, onde a ideia de liberdade é falsa. Vendemos nosso tempo e energia em troca de dinheiro para sobreviver, e assim nos apegamos a pequenos eufemismos que tentam dar algum sentido a tudo isso, enquanto, no fundo, sentimos a sensação de estarmos presos e perdidos no Tártaro¹³ (Caderno de artista, VARALLO, 01 abr 2023).

Percebo o grupo em cena durante os ensaios se debatendo, esbarrando uns nos outros, por vezes desistindo e sendo devorados por esse sistema até dentro desse

¹³ “Tártaro” é uma referência à mitologia grega e remete ao fosso para onde são enviados os punidos por Zeus. Inspirou o nome para o espetáculo Tártaro do Grupo Meandros (2019).

espaço de experimentação. Um corpo que dança “[...] discursa as fragilidades e as potências do sujeito diante do contexto em que se encontra.” (SCHUWAB, 2016, p. 33). Seus corpos são protagonistas das dores do mundo. Vivendo neste lugar de sofrimento e dor, mas também de luta e resistência. Criamos um espaço de resistência (Caderno de artista, VARALLO, 12 jun 2023).

4.4.1 AS POSSIBILIDADES COM A CÂMERA

Eu já tinha o hábito de gravar parte dos ensaios e alguns resultados para ter como registro e também para que o elenco pudesse assistir posteriormente. Em dado momento, me vi sem celular para realizar o registro do dia. Então, recorri à câmera frontal do meu notebook para gravar o ensaio. Essa escolha trouxe uma dinâmica interessante, pois os bailarinos puderam se assistir enquanto eram gravados, estabelecendo uma relação entre a câmera, o artista e o monitor. Isso proporcionou uma nova perspectiva para eles ao verem suas próprias performances e permitiu uma reflexão mais imediata sobre o que estavam criando.

De acordo com Sarzi-Ribeiro (2018) quando o próprio corpo do artista é colocado como matéria artística da obra, confere-lhe o status de lugar da obra, despertando interesse pela sua personalidade, biografia e ato criativo. Essa questão da identidade do emissor e relação com a sua autorreferência, que transforma a obra videográfica numa espécie de autorretratos, permeados pela "estética do narcisismo", como se fosse o "espelho do artista", assim como aconteceu com o grupo.

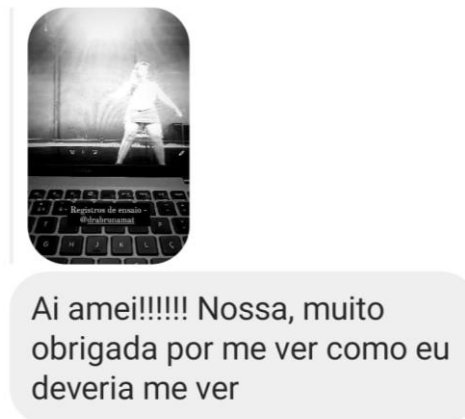
Figura 12 – Registro de Processo II¹⁴

Fonte: Imagem do Processo Criativo, 01 abr 2023.

Percebi que ao se verem na câmera, foram desencadeadas diversas mudanças no corpo e na performance. A visualização de si mesmo deu a eles uma perspectiva externa e objetiva da sua expressão. Além de se assistirem e admirarem como se fosse um espelho, percebi uma tentativa de aprimoramento e correções de postura, alinhamento e até ajustes de seus movimentos. Percebi um olhar de observação e produtividade. E a que mais me chamou atenção foi a percepção e uma mudança na concentração em cena, a câmera provocou pequenos ajustes sutis na energia e na intensidade da performance de cada um. E também ocorreu uma exploração de ângulos e enquadramentos. (Caderno de artista, VARALLO, 08 abr 2023). No mesmo dia, postei trechos desses vídeos nas redes sociais, então a pessoa intérprete que eu denomino como o Corpo Acabado me enviou a seguinte mensagem:

¹⁴ Imagem capturada no exato momento em que o bailarino se observa e faz ajustes em seu movimento.

Figura 13 – Respiros do elenco VI

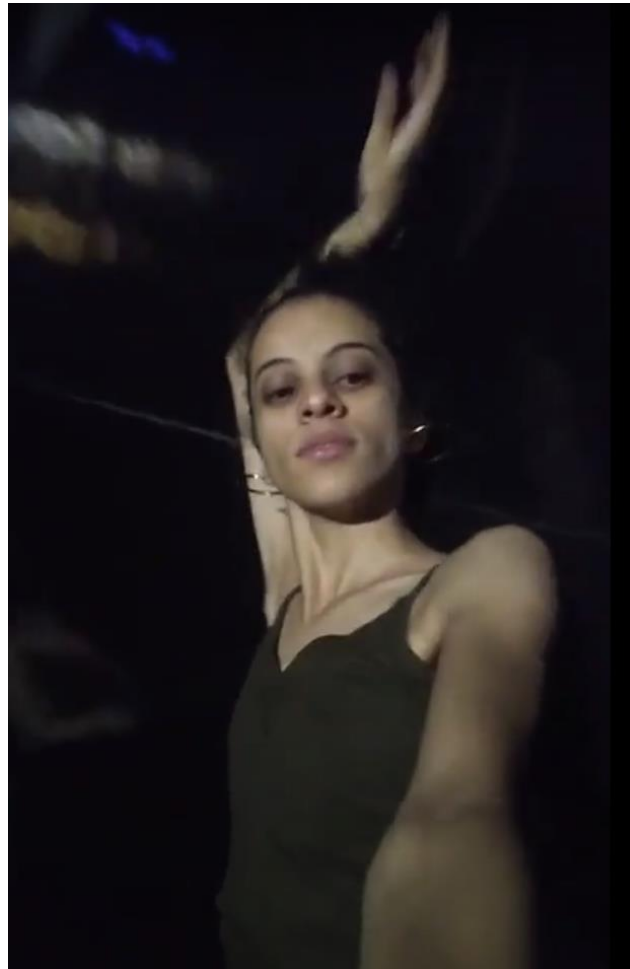


Fonte: Mensagem enviada pelo CORPO ACABADO no Instagram, 01 abr 2023.

No encontro que veio a seguir, sendo o celular um grande símbolo do nosso avanço tecnológico e representando tanto o nosso momento atual como sociedade, resolvi montar um ensaio com este objeto, ainda apoiado na metodologia de tarefas, fazendo provocações da importância que esse aparelho tem em suas vidas e também pela possibilidade de utilizar suas câmeras e seguir trabalhando a exploração que começamos na semana anterior.

Percebi que o grupo não estava totalmente disposto neste dia. Eles pareciam cansados da semana, de mim e até mesmo do processo como um todo. Para despertar sua energia, fizemos um intenso exercício de relaxamento e concentração e propus que comessem explorando o peso dos seus celulares e refletissem sobre a importância desse aparelho tão pequeno em suas vidas. Na sequência, solicitei que ligassem a câmera de seus celulares e continuassem as movimentações que estavam fazendo no momento para o seu reflexo. Senti a necessidade de fazê-los se olharem com uma atenção maior do que na semana anterior, eu queria uma busca de reconhecimento, validação de seus corpos, uma percepção de si. Na figura a seguir, a bailarina está realizando uma experimentação com o seu celular.

Figura 14 – Registro de Processo III



Fonte: Imagem do Processo Criativo, 08 abr 2023.

Durante a exploração, propus o exercício de fazerem, da forma que considerassem melhor, movimentos relacionados às possibilidades de fuga que enxergavam a partir de seus esgotamentos. Notei olhares atentos e corpos curiosos que também se divertiam com a investigação. No entanto, também trouxeram à tona suas dificuldades em se observarem: inseguranças, vazios, ideias, inquietudes, entre outros. Destaco um relato trazido em roda de conversa sobre a relação de uma das pessoas intérpretes com o objeto:

A parte do celular, eu sentia muita vontade de chorar, porque a minha relação com o celular é complicada, eu tenho pesadelos muito frequentes, com temas diferentes, mas o que mais se repete são os sonhos em que estão roubando meu celular. E quanto roubaram meu celular de verdade, eu fiquei muito mal, porque eu tenho uma dependência, de fato ele é uma fuga para mim. Eu me sinto mal sem ele e sempre fico numa preocupação que eu posso perder ele por algum motivo e isso aparece horrível. Quando tu fizeste as provocações

da importância, me senti mal porque é uma relação tóxica. (CORPO APLASTADO, 15 abr 2023)

O exercício prosseguiu e algumas pessoas sentiram-se extremamente confortáveis em filmar e serem filmadas, assumindo prontamente uma postura de confronto diante das câmeras, enquanto outras desviavam o olhar e evitavam o contato com os colegas. Ao final do ensaio, solicitei que reservassem um tempo durante a semana para assistir aos vídeos:

A primeira sensação que tive foi timidez, fiquei tímida ao me ver. Achei isso engraçado! Não sei se é pelo simples fato de ver a minha imagem ou de vê-la em uma situação não convencional. Com o passar dos minutos essa timidez foi passando, mas me gerou um desconforto, como se houvesse uma desconexão entre essas duas de mim. Consegue compreender? O desconforto foi passando, me acostumei, mas ainda fiquei com a sensação de que não era eu. E foram sensações e sentimentos que não tive no dia, me senti muito mais confortável na atividade do que me vendo depois. (CORPO CONSUMIDO, 15 abr 2023)

Não tinha a intenção de criar uma cena com celulares, meu propósito era principalmente observar as sensações que eles expressavam, como o corpo reagia ao ser filmado e que de novo poderia surgir dessa exploração a partir da investigação de uma relação tão comum para eles: indivíduo e câmera do celular (*selfie*¹⁵). E, claro, além de possuir um registro detalhado de como eles vão se esgotando durante os longos exercícios. Spanghero (2003, p.38) completa “[...] o que interessa primordialmente é que a câmera dance com o bailarino e que o bailarino se coloque no espaço e no tempo da câmera. No olhar da câmera”. A autora ainda fala de novas possibilidades “Quando a dança é captada pelo olho da imagem, ela ganha uma outra existência. Na realidade, este jogo adaptativo permite o florescimento de novas práticas para a dança e a modificação do corpo.” (SPANGHERO, 2003, p.38)

4.5 FORA DOS CAPÍTULOS

Pressão constante. Insegurança. Exaustão. Desânimo. Isolamento. Resolvi ficar olhando para o teto. Fiquei paralisado. Senti que o processo não estava bom,

¹⁵ É uma forma popular de autorretrato em que a pessoa segura o dispositivo e se posiciona para capturar a imagem de si mesma

não estava fazendo diferença, a escrita estava ruim e me questionando o porquê desse esforço. Matei o ensaio. Estava me comparando com o processo dos meus colegas, eu estava cheio de expectativas, eu estava sentindo culpa por estar me formando em mais uma profissão que não vai me fazer mudar a vida econômica da minha mãe. Fiquei cansado. Teria sido diferente tomar outra decisão lá em 2017?

Eu nunca parei para refletir do que eu estava fugindo, talvez eu tenha, mas não admita agora e não foram 4 anos, foram 8. Muito comum pessoas LGBTQIAPN+ sentirem uma pressão diferente em relação a performance que devem desempenhar em suas vidas, percebo isso também em meus amigos, um certo sentimento de culpa nos faz querer ser melhor em tudo numa espécie de compensação por causa de quem somos.

E essa minha preocupação com o futuro ao invés de me tirar da cadeira, fez eu me sentir sempre mais aprisionado e buscando bengalas, justificativas para não pensar sobre o que eu deveria fazer. Mas o que eu deveria fazer? Eu faço, na verdade, o que me faz feliz ou deveria, porque eu não me considero feliz, mas ninguém é. Não faz sentido para eu estar num movimento desacelerado, quase parando, dentro de uma cultura caracterizada pelo desenvolvimento desenfreado.

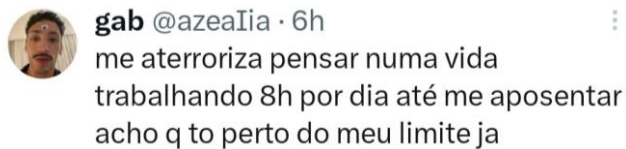
Isso é tão estressante. Estou exausto. Me sinto como se tivesse carregado o peso do mundo nas minhas costas por tempo demais. Cada passo que dou é um esforço, cada palavra que falo é um fardo. Me sinto esperando Godot¹⁶ e ele é uma espécie de futuro que nunca vai chegar. Algo idealizado. Eu me encontro sentado, olhando fixamente para o nada, sem energia para fazer qualquer coisa. Gravando tudo que aqui está escrito em áudio, assim como na peça “A última fita de Krapp”¹⁷ do Beckett. Tudo parece sem sentido, vazio. Me sinto como se estivesse preso em um ciclo interminável de cansaço e desespero. Acredito que todos nós, em algum momento, chegamos nesse ponto. O ponto em que tudo parece sem sentido, sem propósito. É nesses momentos que nos sentimos mais sozinhos, mais desamparados. E é justamente nesses momentos que precisamos de ajuda, de alguém que possa nos ajudar a encontrar um sentido para continuar. Mas seria alguém? Sei que tudo

¹⁶ Obra que consagra Samuel Beckett como o criador do teatro do absurdo. Esperando Godot é uma obra sobre a era das fake news e das verdades fabricadas, das movimentações de massa e da esperança pelo que nunca vai acontecer. (SILVA, 2020).

¹⁷ A peça é estruturada como um monólogo/diálogo entre Krapp e sua voz gravada em fita. Ele ouve e comenta. Por meio das gravações, Krapp revê seu próprio passado e, lentamente, o público entende que ele não tem mais nada além de seu passado como sua voz na fita.

começa e termina em mim. Caro leitor, pode rir! Tem a “porra” de um sistema muito maior do que eu e por mais que eu mude a minha forma de enxergá-lo e de me relacionar com ele faz com que eu tenha uma obra de emergência na minha casa e me deixe mais prejudicado com dinheiro em um mês que eu não tinha mais de onde tirar e isso me desestabilizar emocionalmente. Porque o que tem me esgotado ultimamente é o quanto precisamos de dinheiro. Ao mesmo tempo essa é a vida que eu tenho, é a minha cadeira. Tenho que tentar ver sentido em algum lugar e/ou explorar todas as possibilidades possíveis. Só tenho medo da minha vida acabar e ela ter sido só isso.

Figura 15 – Esgotados do Cotidiano III

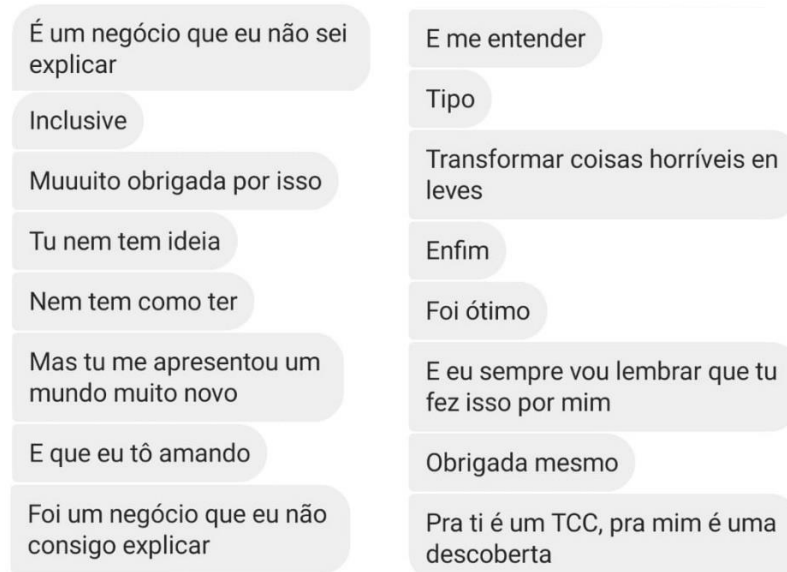


Fonte: Página do @azealia no Twitter¹⁸, 2023.

Eu não me conformo em não poder ter o que eu quero, não me conformo de estar num trabalho que não me faz feliz para buscar algo que nem vai ser mais o que eu quero quando chegar lá. Isso é a lógica capitalista e é não poder viver o que eu quero. E é a lógica que faz com que estejamos sempre insatisfeitos e se comparando. O que eu estou fazendo é para conseguir outra coisa. Porque que eu, quando eu chegar lá, na verdade vai ser para conseguir outra coisa, vai ser para conseguir outra coisa. Isso esgota isso. Isso não é legal. Isso não é estar vivendo. Isso não é presença. Eu sinto vontade de desistir, mas como fazer isso tendo esse tipo de retorno:

¹⁸ Disponível em: <<https://encurtador.com.br/lsl24>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

Figura 16 – Respiros do Elenco VII



Fonte: Mensagem enviada pelo CORPO ACABADO no Instagram, 14 mai 2023.

Eu sei que não posso ficar parado aqui para sempre. Preciso terminar um TCC e é maravilhoso poder falar sobre isso tudo. Um paradoxo. Ao mesmo tempo que estou esgotado para qualquer coisa e pessoa, tudo parece fazer sentido agora que escrevo este trabalho. O assunto, o curso, a arte, a minha vida. Talvez não faça por muito tempo, mas assim vamos acreditando, procurando um sentido, resistindo. Não é fácil, mas acredito que seja necessário. Escrever este trabalho, me faz perceber que eu não tenho poder sobre tudo e isso de alguma forma me liberta e me ajuda a olhar um pouco além da cadeira, pensando nela como um lugar no território da sociedade, ver beleza em alguns lugares e entender que mesmo preso nela, posso seguir explorando.

Como me boicotei com o ensaio, arrumei um date, um encontro nesses aplicativos de namoro. Atualmente existem diversos aplicativos e cada um deles varia o público e o que as pessoas buscam, na verdade as pessoas até se repetem entre eles, mas com identidades diferentes. Essa é outra cosia que me esgota, a pressão por a gente sentir que falta algo quando está sozinho. Entendo e já falei aqui da importância dos afetos, mas algumas dessas buscas são por causa da incapacidade do ser humano de se ver sozinho. Eu amo ficar sozinho, mas as vezes bate uma certa carência, principalmente nos momentos que me sinto mais esgotado. O sexo é uma ótima forma de passar o tempo, liberar endorfinas e outros hormônios que ajudam a reduzir a ansiedade. Além disso, o sexo pode proporcionar uma sensação de

intimidade e conexão emocional mesmo que por alguns minutos, o que pode ajudar a reduzir a solidão e a sensação de isolamento que muitas vezes acompanham o meu esgotamento.

Figura 17 – Registro de Processo IV¹⁹



Fonte: Imagem do Processo Criativo, 06 mai 2023.

Mas sabe o que eu queria de verdade? Voltar a sentir, me afetar e ter a sensação de que posso afetar o mundo. Eu acho que tenho falado disso na terapia no último ano. Eu descobri nesse ponto desta pesquisa que estamos letárgicos e eu sinto que sou a pessoa mais esgotada do mundo. Sinto que nada mais me atravessa de verdade, que nunca estou presente em lugar algum e junto uma sensação de que não foi sempre assim.

¹⁹ Na imagem, o bailarino com um traje executivo e em um ambiente de trabalho, assiste a uma cena de dança sensual protagonizada por ele mesmo ao mesmo tempo que ele é atravessado por ela por meio da projeção.

5 A CONCEPÇÃO DO VÍDEO

Eu fui uma criança dos anos 90, a era da MTV Brasil. A emissora revolucionou a história da música dando palco ao audiovisual, a partir disso não bastava mais determinado artista lançar uma música diferente e disruptiva, ela deveria entregar um vídeo a altura. Eu cresci amando e apreciando esse universo, reproduzia coreografias da Madonna, Britney Spears, Michael Jackson e eles me inspiraram a querer ser um artista da dança. Minha afinidade com a arte nasce aí. Durante a pandemia, nossas criações na universidade se tornaram todas online, em razão disso revivi essa grande paixão que é a união da imagem em movimento, a música e o audiovisual juntos, por isso escolhi a videodança como resultado para esta pesquisa.

Longe de ser um registro da dança no palco, é uma forma de experimentação que conquistou domínios próprios, tanto territoriais quanto estéticos conforme Spanghero (2003). A autora ainda aponta que a videodança pode ser dividida em algumas categorias “a terminologia engloba três tipos de prática: o registro em estúdio ou palco, a adaptação de uma coreografia preexistente para o audiovisual e as danças pensadas diretamente para a tela” (SPANGHERO, 2003, p.36-37). Nesta pesquisa, tudo foi criado em espaços para ensaio e na maior parte do tempo, em relação a uma câmera. “Quando Cunningham e Charles Atlas descobriram juntos que a câmera poderia funcionar não apenas para registrar o espetáculo, mas que possuía uma gramática própria na relação com a arte do corpo, surgiu a videodança” (SANTANA, 2006a, p.127-128).

A possibilidade de criar uma narrativa visual através da dança e da tecnologia audiovisual sempre me encantou, e por isso decidi explorar essa linguagem na minha produção artística. Mas isso já é feito por grandes artistas da dança, as coreografias de Anne Teresa De Keersmaeker possuem uma relação intensa com o audiovisual desde 1989, quando foi lançado o primeiro filme de dança da companhia, o Hoppla!.

Figura 18 – Hoppla!²⁰

Fonte: Site Oficial da Cia Rosas, 1989.

O que mais me chama atenção na videodança é a possibilidade de pensar a coreografia por outra possibilidade: conduzindo o olhar do telespectador. E a tecnologia atual que temos a disposição auxiliaram a criar efeitos visuais que contribuíram e intensificaram a mensagem do trabalho. Além disso, este formato me permite uma divulgação e apreciação em diferentes plataformas, seguindo uma ideia de democratização que as redes sociais trouxeram com a facilidade de compartilhamento de vídeos em seus ambientes, assim é possível atingir um público muito maior do que seria possível apenas com apresentação ao vivo, o que está alinhado com o conceito que Ivani Santana (2006b) traz sobre videodança em que ela considera como um dos pontos de convergência que a área da dança possui na chamada Cultura Digital.

No entanto, a produção de uma obra em videodança apresenta desafios específicos. É preciso considerar a dinâmica da câmera e dos movimentos dos corpos dançantes, para que a filmagem seja feita de maneira que a dança seja bem registrada e que os detalhes dos movimentos não se percam. Uma grande preocupação minha era dar foco ao movimento e não o perder no meio de tantos caminhos. Uma grande inspiração para mim como criador em dança é o coreógrafo Damien Jalet que não possui um trabalho especificamente de videodança, mas me atrai tecnicamente e criativamente, não apenas porque é bem executado, mas também por causa de sua

²⁰ Hoppla! É a versão cinematográfica de duas coreografias de De Keersmaecker ao som da música de Béla Bartók (Quatuor N°4, 1986 e Mikrokosmos, 1987). O filme foi filmado na Biblioteca da Universidade de Ghent (arquiteto: Henry Van de Velde). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qTOINcZAJ5A>>. Acesso em: 1 jun 2023.

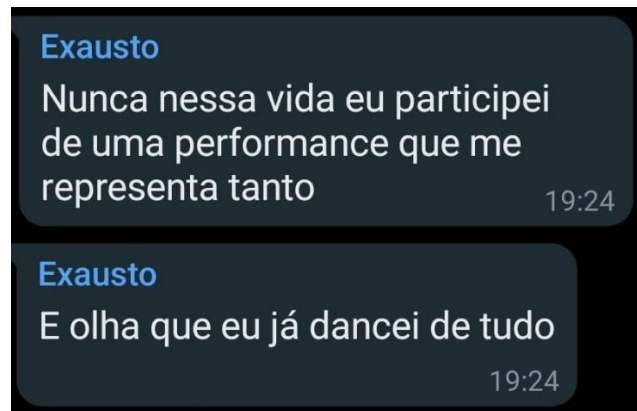
proposta estética, que captura minha atenção e me causa múltiplas percepções sensoriais. E é especial perceber que, apesar dos efeitos, Damien mantém a dança no centro de seu trabalho.

5.1 O ESTÍMULO

Meu maior desafio consistia em viabilizar a apreciação, por parte do telespectador, de corpos esgotados em cena, ou, ao menos, de algum resquício dessa condição. Como esgotar através do vídeo? A energia e o estado físico alcançados pelo grupo durante os ensaios deveriam transparecer no trabalho, visto que nosso processo tem como metodologia principal a prática como pesquisa, o que concede destaque à própria prática. A solução encontrada foi registrar um amplo exercício, exatamente como praticávamos nos ensaios. Delimitamos momentos específicos, cenas que foram concebidas ao longo do processo, para respeitar os parâmetros da videodança. No entanto, a peculiaridade dessas cenas residia na intensidade de presença física que os corpos transmitiriam ao realiza-las dentro do estado alcançado durante o exercício. Esgotamos os corpos, o espaço, os objetos, as possibilidades de movimentos, o tempo, fizemos um longo exercício de exploração assim como realizamos em alguns ensaios até que eu visse corpos se movimentando sem racionalização, indo além do que tentavam programar. Para alcançar isso, durante a captação das cenas individuais, os demais bailarinos permaneciam engajados em uma experimentação em outros espaços, realizando ações que visavam preservar o estado de presença e a exploração corporal e do espaço por meio de estímulos constantes. É importante ressaltar a diversidade de pessoas neste elenco, assim como ocorre em "Deux-Mille-Dix-Sept"²¹ de Maguy Marin, onde são incluídos dançarinos profissionais, além de uma mistura de frequentadores da companhia e estreates. Algumas pessoas participantes desta pesquisa jamais haviam passado por um processo como esse, o que representa um grande desafio para manter o estado de concentração de alguns deles.

²¹ Disponível em: <<https://vimeo.com/260941857>>. Acesso em: 2 jul 2023.

Figura 19 – Respiros do Elenco VIII



Fonte: Mensagem enviada pelo CORPO EXAUSTO no WhatsApp, 10 jun 2023.

Acima o relato do Corpo Exausto que, em ensaios anteriores, disse que não enxergava elementos de dança no que estávamos produzindo partindo como pronto de referência os seus anos de ballet, jazz e dança contemporânea que dançou em certo momento da vida. Fico aliviado com esse retorno, pois percebi que essa intérprete ampliou e compreendeu uma nova possibilidade de dança. Mas eu também queria que fizesse sentido para eles, acredito que alcançamos isso. “Eu to me sentindo artista” (CORPO CONSUMIDO, 10 jun de 2023).

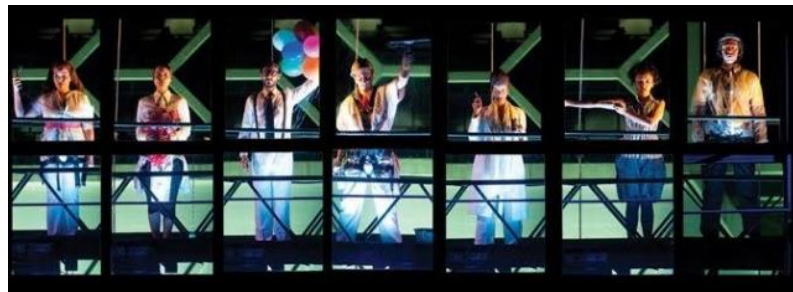
Assim, dedicamos mais de uma hora à execução do exercício, a fim de obter um videodança de aproximadamente dez minutos. Cabe ressaltar que a videodança não se resume à mera gravação de ensaios ou coreografias, de modo que é fundamental salientar que todos os demais elementos foram cuidadosamente pensados em conjunto. E a edição desempenhou papel primordial na moldagem de uma narrativa, no aprimoramento da qualidade visual e sonora, além da adição de elementos criativos que, em minha opinião, enaltecera a performance artística como um todo.

5.2 ELEMENTOS DA CRIAÇÃO

Eu sempre fiquei dividido entre a arte e o business, entre a sala de ensaio e o ambiente de escritório. Considerando que Pelbart (2017) faz uma relação direta do esgotamento humano com este segundo universo (business), não poderia pensar num local diferente e de fácil associação que não fosse um ambiente real de uma empresa para realizar este trabalho, ou melhor, o meu local de trabalho. Podemos pensar que

é um ambiente que opera dentro de uma lógica de controle e opressão conforme o autor, com foco na performance e produtividade e o lucro a todo custo. Isso pode levar a um ambiente de trabalho tóxico, que favorece o esgotamento e a deterioração da nossa saúde mental. Para pensar neste cenário, utilizei como referência o espetáculo “Kastelo” do teatro Vertigem de São Paulo. O espetáculo acontece no interior e na fachada de um prédio comercial envidraçado. O público assiste ao espetáculo pelas janelas de dentro da estrutura de uma empresa de verdade, sentados em mesas, cadeiras e objetos que possuem histórias e traços do dia a dia.

Figura 20 – Kastelo²²



Fonte: Site Oficial do Teatro Vertigem, 2010

Neste cenário, tínhamos mesas, cadeiras e computadores, salas de reuniões reais que eram utilizadas diariamente e, atualmente, apresentam um toque de abandono, evocando a lembrança de uma vida que existia antes da pandemia da COVID-19. Os computadores abandonados e os postos de trabalho vazios são uma representação dos espaços como eles estão atualmente. O figurino não foi algo previamente planejado; a ideia surgiu organicamente durante os ensaios, após uma exploração pessoal de cada pessoa. Eles decidiram usar roupas que geralmente utilizam para trabalhar. O processo de criação do espetáculo "Córtex²³" de 1991, de Maguy Marin, adaptado para o vídeo no mesmo ano, seguiu um processo semelhante.

Em relação a iluminação decidi manter a original do ambiente. Além de ser uma ótima opção para a filmagem, quero manter o foco no movimento e na descoberta que os bailarinos realizaram em cena neste espaço. Como a gravação foi feita em praticamente um *take*²⁴, seria muito difícil pedir que reproduzissem algo e não caísse

²² Não disponível online. Reportagem sobre: <<https://www.youtube.com/watch?v=vEeezQTbKBU>>. Acesso em: 23 jul 2023.

²³ Disponível em: <<https://vimeo.com/40582697>>. Acesso em: 12 jun 2023.

²⁴ Gravação contínua de uma cena ou sequência específica.

numa representação, o que não era interessante para este trabalho. Tomei essa decisão juntamente com o *videomaker*, pois cada momento seria único, mesmo que repetíssemos, não seria igual, então podíamos correr o risco de perder algo por causa de um desajuste de luz. Já a trilha sonora foi composta por músicas que percebi que se adequavam a cada cena, e todas elas estão isentas de direitos autorais, o que facilita a distribuição do trabalho. Por fim, eu fiquei responsável por todo o processo, coreografia e direção, o *videomaker* cuidou da captação das imagens e edição e o grupo foi a fonte de pesquisa e movimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu tenho uma grande dificuldade para concluir tarefas. Parece que há um receio de, ao alcançar um determinado objetivo, terei que buscar algo novo (CORPO ACABADO, 27 mai 2023)

Tenho refletido sobre a dificuldade que estou enfrentando para concluir esta pesquisa, que foi algo que ocupou meus pensamentos e energia durante meses. Ao mesmo tempo, me sinto profundamente envolvido e satisfeito por estar imerso nesse processo, também me sentindo realizado e recompensado. No entanto, surge em mim o medo do desconhecido que virá a seguir. Questionei-me muito também o porquê deste tema. Realizando a escrita, dei-me conta de quando a arte surgiu na minha vida - um momento total de esgotamento, em que eu não via outras possibilidades, estava sem chão. E aos poucos, fui abrindo uma fresta no meu dia a dia na busca de um sentido, que eu nunca encontrei, mas encontrei um novo modo de ser e de viver. E era exatamente isso que eu queria proporcionar para demais pessoas. Com os relatos apresentados ao longo do texto, acredito que pudemos reprogramar algumas existências.

Esta pesquisa se propôs a criação de um ambiente dedicado à experimentação em dança, onde corpos esgotados teriam a oportunidade de se rebelar e resistir através dessa prática. A dança emerge como uma insurgência ao nosso estilo de vida e criadora de possibilidades e modos de ser. A experimentação que ela proporcionou foi um terreno fértil para a descoberta de novas perspectivas, onde ela é uma das possibilidades e ainda aponta para outras. Dessa forma, esse espaço de experimentação se transformou em uma oportunidade para que esses indivíduos encontrassem uma forma de resistência, uma maneira de abrir uma fresta em uma rotina exaustiva e entrar em contato consigo mesmos, reprogramando sua relação consigo e seus contextos. Foi um convite para explorar e reinventar-se. Pudemos dançar nossas culpas, comparações, buscas e o nosso vazio e ao fazer isso, fizemos nos esgotando para criar potência. O esgotamento indicou os pontos de estrangulamento e por meio deles conseguimos vislumbrar novas alternativas, visões e noções.

O esgotamento foi o impulso para essa pesquisa; afinal, será que podemos dizer que o corpo que está esgotado enquanto dança está dançando estrategicamente esse esgotamento? Aqui, foi transformado em fonte criativa e estimulante, pois ele nos força a refletir sobre como estamos vivendo, nossas prioridades e a buscar novas

possibilidades. Foi buscando isso que esse grupo de pessoas aceitou o convite para dançar comigo. Ao esgotar os corpos e os movimentos pré-programados, esgotar as ideias pré-concebidas sobre dança, esgotar conversas, abriu-se espaço para a criação de gestos e expressões, reflexões, novos caminhos, resultando em um processo de transformação individual e coletiva. Vi-me imerso em uma vida pós-moderna, inserido em uma sociedade que desencoraja a busca por valores genuínos, favorecendo a incessante perseguição de conquistas como prova de valor individual e a busca por prazer imediato como alívio das frustrações que ela mesma gera. Assim, ao longo dos ensaios, percebi que somos excedentes, demasiados e possuímos um desejo de reinventar nossa realidade. E as transformações são possíveis em qualquer momento, desde que haja um espaço para isso.

Pudemos perceber o rompimento de padrões estabelecidos, algumas convenções sociais e a ainda fomos convidados a explorar novas possibilidades tanto de movimento e expressão quanto de conexão com nosso próprio corpo, com os outros e com o meio e perceber pequenas formas de subversão em cada uma. O grupo pôde transcender as limitações impostas pelo seu cotidiano, liberando emoções que por vezes são reprimidas, quebrando barreiras e estimulando a sua criatividade. Cada experimentação abriu caminho para novas descobertas, desafios e perspectivas, compreensão do corpo em movimento, da nossa existência de maneira mais consciente e de novas possibilidades de explorar a “nossa” cadeira. Eu mesmo, o pesquisador que aqui escreve, durante essa jornada, (re)descobri a força da arte e sua potência como educação, me vi coreógrafo, pesquisador e diretor, mas que também posso ser e sou professor - essas são minhas possibilidades.

Não é possível listar todas as possibilidades que surgiram, uma vez que elas ainda emergem enquanto redijo estas considerações. Entretanto, por meio dessa experimentação, pude perceber que os corpos se depararam com novas formas de pensar, respirar e movimentar-se, permitindo viver o próprio corpo sob uma perspectiva ampliada. Nesse lugar, os participantes tomaram consciência de que são protagonistas de seus próprios esgotamentos e das possibilidades que se desdobraram, conectadas com um corpo que ali se expressou integralmente, não apenas como um corpo produtivo, organizador de tarefas e orientado para um produto ou resultado, mas como um corpo que vive plenamente suas intensidades. Sentiram-se artistas. Portanto, um espaço como este pode proporcionar uma ampliação das

possibilidades de existência dos seus indivíduos, aqui, ele ampliou o olhar das pessoas participantes desta pesquisa para o que elas podem se ser.

É importante reconhecer que a ausência de uma conclusão definitiva não é um obstáculo, mas sim uma oportunidade para o contínuo desenvolvimento da dança como uma fonte inesgotável de possibilidades de existência e transformação. Assim como esta pesquisa não se encerra aqui, pois em uma sociedade em constante mudança e ato de dançar se refere ao contexto, estaremos sempre fazendo novas descobertas. Algumas questões ficaram em aberto ao longo do trabalho, como novas possibilidades, uma dança que pode instaurar modos de existência que talvez ainda não existam, um movimento não racionalizado, a dança dentro de organizações, a relação entre o bailarino e a câmera, desmistificar “jeitos” de dançar entre outros.

Quando iniciei este trabalho, tinha um objetivo claro em mente e de alguma forma o esgotamos, a partir dele, surgiram novas dúvidas e questões. As fronteiras dessa pesquisa se expandiram, pois, a cada ensaio, as pessoas participantes trouxeram novas indagações. A partir desta pesquisa, percebo que as possibilidades de novas investigações são vastas e diversas, o que impossibilitou a conclusão de um único resultado definitivo. No entanto, essa falta de uma conclusão única revela-se como uma característica intrínseca a prática como pesquisa que foi a metodologia principal deste trabalho. E estas diversas possibilidades que foram expostas durante o processo em dança nos convidam a reconhecer e valorizar a natureza fluida e em constante evolução da área como campo de estudo e prática.

REFERÊNCIAS

AIRES, D. S. **Criação em Videodança: corpos em contaminação**. 2018. 109f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre – RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180508>>. Acesso em: 29 mai. 2023.

ANDERSON, Paul Thomas. **ANIMA**. Netflix. 2019. Figura 4. 6,77 x 11,39. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/81110498>>. Acesso em: 01 mai 2023.

AZEALIA. **Me aterroriza pensar numa vida trabalhando 8h por dia [...]**. Rio de Janeiro, 03 de maio de 2023. Twitter: @eumecontrolota. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/lsl24>>. Acesso em: 10 mar 2023.

BONENFENT, Yvon. **A portrait of the current state of PaR: defining an (in) discipline**. In: BOYCE-TILLMAN, June (ed.). PaR for the Course: issues involved in the development of practice-based doctorates in the Performing Arts. Winchester: The Higher Education Academy Arts and Humanities, 2012.

BOURASSA, René. **De la présence aux effets de présence: entre l'apparaître et l'apparence**. In: FÉRAL, Josette; PERROT, Edwige. Le Réel à l'Épreuve des Technologies. Les Arts de la scène et les arts médiatiques. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2013. P. 129-148. Disponível em: <<https://books.openedition.org/pur/79581>>. Acesso em: 30 mar 2023.

BRITO, Luciana. **Beckett-We: em busca de uma poética do vazio**. 2016. Dissertação de mestrado. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

BRITO, Luciana. **É uma ilusão eu achar que trabalhando menos eu vou ter tempo [...]**. Porto Alegre, 11 de abril de 2023. Twitter: @LucianaTondo. Disponível em: <<https://twitter.com/LucianaTondo>>. Acesso em: 16 abr 2023.

CORIFEU. **Tem uns dias q parece q o mundo lá fora está em desacordo [...]**. Porto Alegre, 10 de março de 2023. Twitter: @eumecontrolota. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/wGLW7>>. Acesso em: 10 mar 2023.

DELEUZE, Gilles. **O esgotado**. In: Sobre o teatro. Trad. Fátima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. pp. 65-111.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1972) **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

DERDYK, Edith. **O espaço da criação e a criação do espaço**. 2011. Formação de Leitores. Revista Emília. Disponível em: <<https://emilia.org.br/o-espaco-da-criacao-e-a-criacao-do-espaco/>> Acesso em: 04 abr 2023.

Dunbar, RIM. et al. **Diferenças sexuais no foco social ao longo do ciclo de vida em humanos**. R. Soc. Ciência Aberta. 3, 160097 (2016). Disponível em:

<<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.160097>>. Acesso em: 02 mai 2023.

FERNANDES, Ciane. **Quando o Todo é mais que a Soma das Partes**: somática como campo epistemológico contemporâneo. 2015. Rev. Bras. Estud. Presença, v. 5 (n. 1), p. 9-38, Porto Alegre: <<http://www.seer.ufrgs.br/presenca>> Acesso em: 22 mai 2023.

FERNANDES, Ciane. **Movimento e Memória**: Manifesto da Pesquisa Somático-Performativa. 2012. En: CONGRESSO NACIONAL DA ABRACE. Anais..., X, UFRGS, Porto Alegre.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento**: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da Etnografia e da Auto-etnografia para a Pesquisa na prática artística**. In: Revista Cena. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Instituto de Artes da UFRGS, n.7, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIL, Bela. **Programa Saia justa**. GNT. São Paulo. 2023. Trecho disponível em: <<https://www.tiktok.com/@canalgnt/video/7217816448268389637>>. Acesso em: 02 mai 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e Sociedade, v. 13, n.2, p. 20-31, mai./ago. 2004. Disponível em: <<https://shre.ink/k3rV>> Acesso em: 30/30/2023.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em Busca de um Teatro Pobre**. Tradução de Aldomar Conrado - 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1976. Título original: Towards a Poor Theatre.

GUEDES, A. L., SCARIOT, F. F., DIAS, A. G. **Experimentações em videodança**: a influência do audiovisual na visualidade da dança. (2022). Revista da FUNDARTE, 50(50). Disponível em: <<https://doi.org/10.19179/rdf.v50i50.1052>>. Acesso em: 01 jul 2023.

HALPRIN, Anna. **Moving Toward Live**. Five Decades of Transformational Dance. Rachel Kaplan (Ed.). Middletown, Connecticut, EUA: Wesleyan University Press, 1995. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/bgilW>>. Acesso em: 04 abr 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

ICLE, Gilberto. **O que é pedagogia da Arte?** (2012) En: ICLE, G. Pedagogia da arte: entre-lugares da escola, V. 2, Porto alegre, Editora da UFRGS.

KEERSMAEKER, Anne Teresa De. **Hoppla!**. 1989. Figura 14. 5,09 x 11,22. Disponível em: <<https://www.rosas.be/en/publications/441-hoppla>>. Acesso em: 09 mai 2023.

KIRCHER, A. L. **Propostas compositivas para estabelecer relações entre os corpos que operam na criação em Videodança**. 2019. 139f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre – RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206653>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

LAPOUJADE, David. **O Corpo que não aguenta mais**. In: LINS, D.. GADELHA, S. (orgs.). Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LICHOTTI, Camille. **Como a síndrome de burnout se espalha no Brasil**. Revista Piauí, nº 198, março de 2023. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-neurastenia/>>. Acesso em: 11 abr 2023.

MACHADO, Arlindo. **Made in Brasil**. Três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MARIN, Maguy. **A coreografia da francesa Maguy Marin: no ritmo da sociedade**. Jornal do Comércio. Caderno viver: 25 Set 2016. Entrevista concedida a Michele Rolim — Disponível em: <<https://mosqueteirasliterarias.comunidades.net/a-coreografia-da-francesa-maguy-marin>>. Acesso em: 02 mai 2023.

MARIN, Maguy. **Ligne de Crête**. Théâtre de la Ville Paris. 2018. Figura 3. 5,67 x 11,85. Disponível em: <<https://www.theatredelaville-paris.com/fr/spectacles/saison-2018-2019/danse/ligne-de-crete>>. Acesso em: 20 jun 2023.

PELBART, Peter Pál. **Conte algo que não sei**. O Globo: 20 abr 2017. Entrevista concedida a Marta Szpacenkopf — Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/peter-pal-pelbart-nossa-sociedade-esta-esgotada-de-tudo-21231724>>. Acesso em: 09 jun 2022.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, p.345, 2013.

ROSSINI, Elcio Gimenez. **Tarefas: uma estratégia para criação de performances**. 2011. Dissertação de mestrado. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

RUPAUL. **Catwalk** (temporada 14, episódio 14). RuPaul's Drag Race [Seriado]. Direção: Terry McDonough. Produção: RuPaul. Estados Unidos: VH1, 2022. 1h, color.

SALOMÃO, Pedro. **Eu tenho sérios poemas mentais**. 1ª edição. São Paulo: Outro Planeta, 2018.

SANTANA, Ivani. **Dança na Cultura Digital**. Salvador: Edufba/Fapesb. 2006a.

SANTANA, Ivani. **Esqueçam as fronteiras! Videodança:** ponto de convergência da dança na cultura digital. In *Dança em Foco: dança e tecnologia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Instituto Telemar, 2006b.

SARZI-Ribeiro, Regilene. **O corpo no vídeo e o corpo do vídeo:** diálogos estéticos, arte eletrônica. 2018. *REVISTA POIÉISIS*, 15(23), 105-114. <https://doi.org/10.22409/poiesis.1523.105-114>

SCHWAB, Isabela. **A experiência como discurso do corpo:** a dança tecendo caminhos. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Dança. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, Jonatan. **'Esperando Godot'** e a busca sem fim de Samuel Beckett. 2020. Escotilha. *Cultura Diálogo e Informação*. Disponível em: <<https://shre.ink/QYle>> Acesso em: 02 mai 2023.

SPANGHERO, Maíra. **A dança dos encéfalos acesos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SUZUKI, Clarissa Lopes. **Cadernos de Artista:** páginas que revelam olhares da arte e da educação / Clarissa Lopes Suzuki. -- São Paulo: C. L. Suzuki, 2014.

TAVARES, C. G. **Vídeocorporicidade:** experimentações em videodança. 2019. 210f. Tese (Doutorado) - Universidade do Algarve, Doutoramento em Comunicação, Cultura e Artes, Algarve, Portugal. Disponível em: <<https://sapiencia.ualg.pt/handle/10400.1/13632>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

TRIER, Lars Von. **Dançando no Escuro**. 2020. Figura 2. 6,43 x 11,75. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bHjgBGTz4rQ>>. Acesso em: 01 mai 2023.

VERDERI, Erica. **Dança na Escola**. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 2000.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 6.ed. São Paulo: Summus, 2005.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**. Uma parceria entre professores, alunos e o conhecimento. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017

APÊNDICE A – QR CODE PARA ASSISTIR O VIDEODANÇA

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL UNIDADE DE MONTENEGRO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av./Rua _____, nº. _____, município de _____/RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **Videodança**, intitulado "**Fresta**" e também nas peças de comunicação que será veiculada nos canais da Uergs e pessoais do Daniel Varallo Gomes, autor desta pesquisa. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

Nome:
Telefone p/ contato:|